
Capital natural: transparência e gestão como estratégias de mitigação de riscos

Resultados dos Programas Mudança Climática, Água e Floresta na América Latina em 2016



Elaborado por



Índice

Mensagem do CEO do CDP WORLDWIDE

Introdução ao relatório da América Latina

Gestão do capital natural

Mudança climáticas

Transparência

Medição e relato de emissões

Metas

Plano de transição

Riscos

Pontuação das empresas participantes e empresas não respondentes

Água

Stress hídrico

Uso da água

Gestão de impactos e cadeia de valor

Estratégia, governança e compliance

Pontuação das empresas participantes do Programa Água

Pontuação das empresas participantes e empresas não respondentes

Florestas

Compromissos públicos

Gestão na cadeia de valor

Aspectos de mercado

Pontuação das empresas participantes do Programa Florestas

Pontuação das empresas participantes e empresas não respondentes

Comunicação do progresso

We mean Business - Commit to Action

Perspectiva do investidor

Anexo I – investidores membros e signatários

Aviso importante

O conteúdo deste relatório pode ser usado por qualquer pessoa, contanto que seja dado reconhecimento ao CDP. Isso não representa uma licença para reformatar ou revender quaisquer dados comunicados ao CDP e apresentados neste relatório. Se você pretende reformatar ou revender qualquer parte dos conteúdos deste relatório, é necessário obter permissão prévia e expressa do CDP.

A Origami e o CDP prepararam os dados e as análises deste relatório com base nas respostas ao pedido de informações do CDP de 2016. O CDP ou a Origami não oferecem declarações e garantias (expressas ou implícitas) quanto à exatidão ou à integridade das informações e opiniões contidas neste relatório. Você não deve agir com base nas informações contidas nesta publicação sem obter aconselhamento profissional específico. No limite permitido por lei, o CDP e a Origami não aceitam ou assumem quaisquer responsabilidades, obrigações ou deveres pelas consequências de qualquer pessoa, ou terceiro, que tenha agido ou deixado de agir com base nas informações contidas neste relatório, ou por qualquer decisão baseada nele. Todas as informações e opiniões aqui expressas pelo CDP e pela Origami baseiam-se no julgamento realizado no momento do presente relatório e estão sujeitas à alteração sem aviso prévio devido a fatores econômicos, políticos, industriais e fatores específicos da empresa. Os comentários de convidados, quando incluídos neste relatório, refletem as opiniões dos seus respectivos autores; sua inclusão não constitui um endosso a eles.

A Origami, o CDP, suas empresas-membro afiliadas ou companhias, seus respectivos acionistas, membros, parceiros, diretores, gerentes, funcionários e/ou empregados podem ter uma posição em títulos nas empresas discutidas neste documento. Os títulos das empresas mencionados neste documento podem não estar disponíveis para venda em alguns estados ou países e não serem adequados para todos os tipos de investidores; seus valores e renda podem variar ou ser adversamente afetados pelas taxas de câmbio.

"CDP Worldwide" e "CDP" referem-se ao CDP Worldwide, instituição sem fins lucrativos registrada sob o número 1122330 e empresa limitada registrada na Inglaterra sob o número 05013650.

© CDP Worldwide 2016 Todos os direitos reservados*

Paul Simpson

CEO do CDP WorldWide



"A ação climática significativa começa pela mensuração e pela transparência; e, assim, enquanto os governos se esforçam para implementar o Acordo de Paris, o CDP estará direcionando seus holofotes para o progresso e estimulando o alcance de um valor nulo de emissões líquidas de carbono".

O Acordo de Paris – sem precedentes na velocidade de sua ratificação – e a adoção dos Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável (ODS) marcaram o início de uma nova estratégia para o mundo; a mensagem para os negócios é inequívoca: a revolução do baixo carbono já começou. Ao concordar com um limite global do aumento da temperatura bem abaixo dos 2°C, os governos sinalizam o fim da era do combustível fóssil e comprometem-se com a transformação da economia global.

A escolha para empresas e investidores nunca esteve tão clara: aproveitar as oportunidades de um mundo com restrições de carbono e liderar o caminho que dará forma à transição para uma economia sustentável, ou continuar a fazer "business as usual" e enfrentar graves riscos, decorrentes das normas e regulamentos, das mudanças tecnológicas, das alterações das expectativas dos consumidores e do próprio clima. Os dados do CDP mostram que centenas de empresas já estão se preparando para as mudanças dramáticas que estão por vir, mas muitas ainda nem começaram a lidar com essa nova realidade.

Os investidores estão prontos para aproveitar as próximas oportunidades. Alguns dos maiores provedores de índices do mundo, incluindo a S&P e a STOXX, criaram índices de baixo carbono para que os investidores possam redirecionar seu dinheiro para as empresas sustentáveis do futuro. Enquanto isso, o fundo de pensão do estado de Nova York – o terceiro maior dos Estados Unidos –, em parceria com a Goldman Sachs, utilizou os dados do CDP para construir um índice de baixo carbono de US\$ 2 bilhões.

Os investidores estão mais focados do que nunca nos vencedores e nos perdedores da transição para a economia de baixo carbono, pois prevê-se que trilhões de dólares em ativos estarão em risco por causa das mudanças climáticas. As exigências não param por aí: associações internacionais de investidores que administram bilhões de dólares pedem por uma maior transparência sobre o risco climático nas AGOs das maiores poluidoras do mundo.

O copo da divulgação ambiental já está mais do que meio cheio. Há mais de quinze anos, no início das atividades do CDP, a divulgação climática era inexistente no mercado de capitais. Desde então, nosso pedido anual ajudou a torná-la padrão. Atualmente, a divulgação é realizada através do CDP por cerca de 5.800 empresas, que representam aproximadamente 60% da capitalização de mercado global.

Agora, estamos prestes a encher o copo. Damos boas vindas à nova Task Force on Climate-related Financial Disclosures (TCFD) no Financial Stability Board (FSB), a qual tomou como base o trabalho do CDP e está pavimentando o caminho para a divulgação obrigatória de informações relacionadas ao clima para todas as Nações do G20. Aguardamos ansiosos pela integração das recomendações da força-tarefa em nosso bem testado sistema de divulgações, com o objetivo de podermos trabalhar juntos para levarmos as divulgações adiante ao seu próximo nível.

Sabemos que os negócios são cruciais para que a economia global consiga alcançar - e ultrapassar - seus objetivos climáticos. O presente relatório define os padrões básicos das ações climáticas após o acordo de Paris. Os relatórios futuros irão comparar o progresso em relação a esses padrões básicos para sabermos como as empresas estão administrando a transição para a economia de baixo carbono e como estão permitindo que os investidores acompanhem esses resultados. Hoje, algumas empresas líderes de nossa amostra - incluindo algumas das maiores emissoras de carbono, já demonstram ser possível reduzir as emissões e, ao mesmo tempo, aumentar as receitas; esperamos ver esse número multiplicar-se nos próximos anos.

A ação climática significativa começa pela mensuração e pela transparência; e, assim, enquanto os governos se esforçam para implementar o Acordo de Paris, o CDP estará direcionando seus holofotes para o progresso e estimulando o alcance de um valor nulo de emissões líquidas de carbono.

O Acordo de Paris e os ODS são a nova bússola dos negócios. As empresas de todos os setores tem agora a chance de criar essa nova economia e garantir o seu futuro ao fazê-lo. O caminho das empresas, investidores e governos até esse futuro será orientado por informações de alta qualidade – nunca houve uma necessidade tão grande dessas informações como hoje.

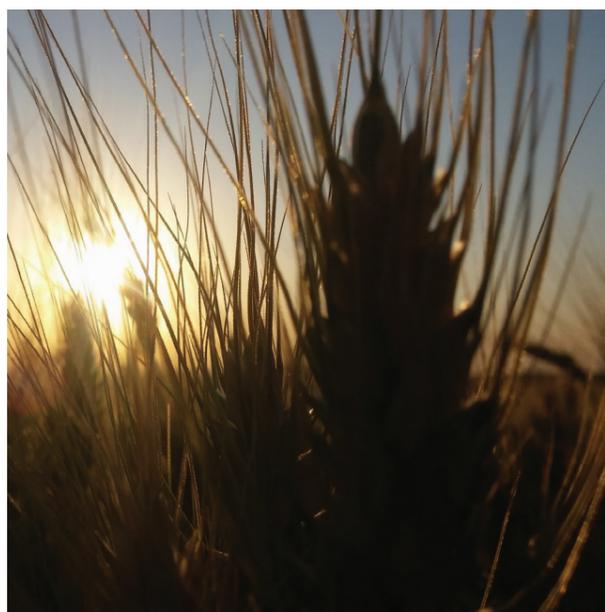
Introdução ao relatório da América Latina

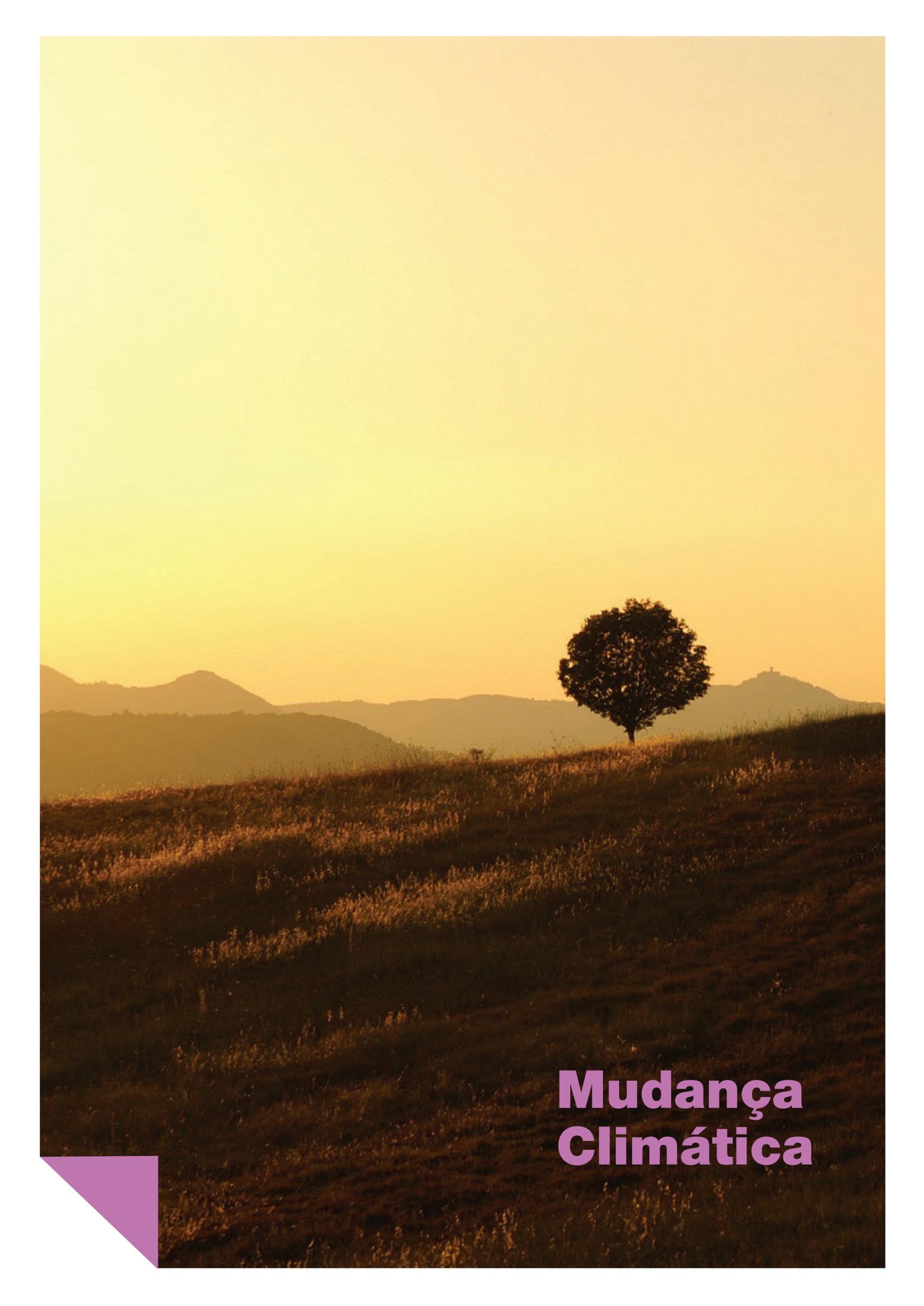
As múltiplas crises que enfrentamos acendem o debate sobre a necessidade de buscar caminhos para o desenvolvimento em novas bases, o que inclui um sistema econômico que opere dentro de limites sustentáveis. Os negócios precisarão buscar abordagens inovadoras para identificar seus impactos e dependências em relação ao meio ambiente, agir em relação a eles e comunicar as melhores práticas de gestão responsável do capital natural para seus stakeholders.

Ao disponibilizar informações reportadas pelas empresas de forma consistente e comparável, o GRI contribui para o entendimento das dependências e impactos da estabilidade econômica e financeira em relação ao capital natural, incorporando essas variáveis na tomada de decisão. O capital natural consiste em recursos naturais renováveis e não renováveis bem como os processos que fornecem bens e serviços que apoiam a prosperidade presente ou futura das organizações. Ele inclui ar, água, terra, minerais, florestas, biodiversidade e o equilíbrio dos ecossistemas.

No contexto de um mundo em rápida transformação é evidente a necessidade das empresas líderes em seus setores tomarem a dianteira e darem transparência às práticas de gestão implementadas. O histórico Acordo de Paris, já em vigor globalmente menos de um ano após sua criação, e os objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS); os eventos climáticos extremos cada vez mais percebidos no dia a dia, e que tendem a se tornar a nova norma que irá fortalecer a insegurança hídrica no mundo todo e as iniciativas ainda incipientes de gestão sustentável no uso e ocupação do solo em ecossistema florestais são todos exemplos de uma nova realidade que precisa ser enfrentada.

Este relatório apresenta os resultados das respostas das empresas aos Programas Mudança Climática, Água e Floresta na América Latina referentes ao ano de 2016, que toma como base as ações do ano anterior ao reporte. Ele traz diversos dados e análises sobre como as empresas estão agindo para fazer negócios nesse ambiente de transformação.



A landscape photograph showing a grassy hill in the foreground, a single tree in the middle ground, and mountains in the background under a warm, golden sunset sky. The text 'Mudança Climática' is overlaid in the bottom right corner.

Mudança Climática

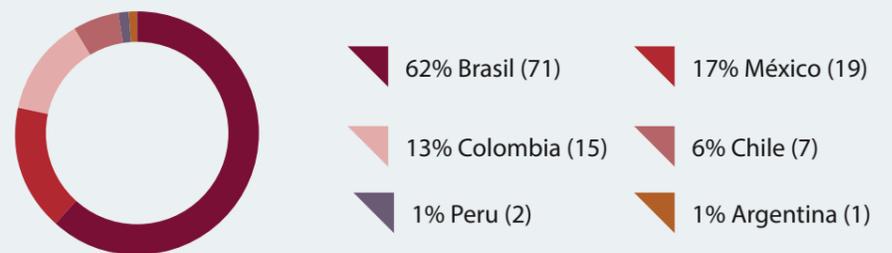
Transparência

O desafio da mudança climática e como enfrentá-la está agora consolidado na agenda global. O Acordo de Paris foi ratificado em uma velocidade sem precedentes pela Comunidade internacional, incluindo alguns dos maiores emissores de carbono, como os EUA, China, Índia, UE e Brasil. Esse acordo entrou em vigor em Novembro.

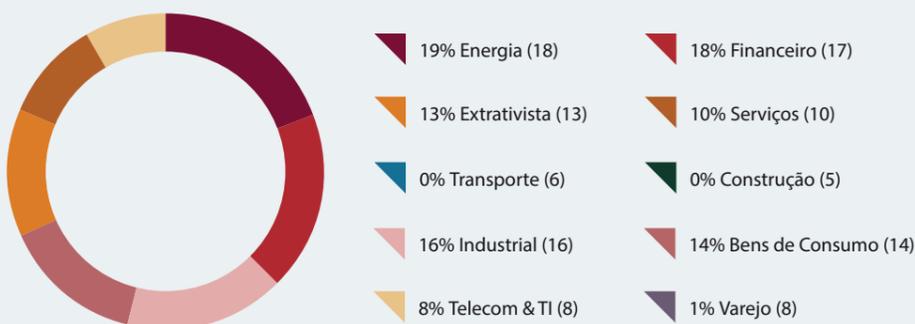
Este acordo histórico, com metas bem definidas para limitar as mudanças climáticas e caminhos claros para se alcançar as metas, marca uma mudança na transição para um mundo de baixo carbono. No Acordo de Paris, as reduções de emissões são tratadas em nível nacional e os governos tomarão a liderança com políticas públicas e regulações.

Mas as empresas podem se mover muito mais rápido e têm a oportunidade de demonstrar sua liderança, agilidade e criatividade na redução de suas próprias emissões que são substanciais. Muitas empresas já haviam percebido a necessidade muito antes de Paris, e desempenharam um papel importante fazendo com que a cúpula fosse um sucesso. Outras, entretanto, precisam ainda vir a bordo.

Amostra por país na América Latina. Número total de empresas em cada país entre parênteses.



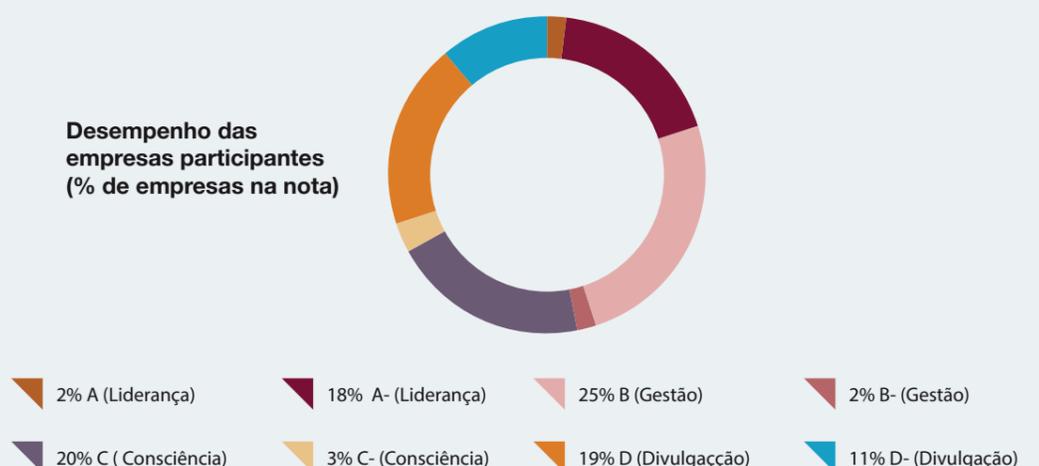
Amostra por setor* na América Latina. Número total de empresas em cada setor entre parênteses.



* Agrupamento dos setores:

Bens de Consumo (alimentos e bebidas, cosméticos)
 Industrial (componentes automotivos e industriais, química, cimento, produtos florestais, papel e celulose, outros)
 Extrativista (óleo e gás, mineração)
 Serviços (educação, saúde, mídia, água e saneamento)
 Transporte (aéreo e terrestre)
 Varejo (alimentos, vestuário, medicamentos, higiene e limpeza)

Desempenho das empresas participantes (% de empresas na nota)



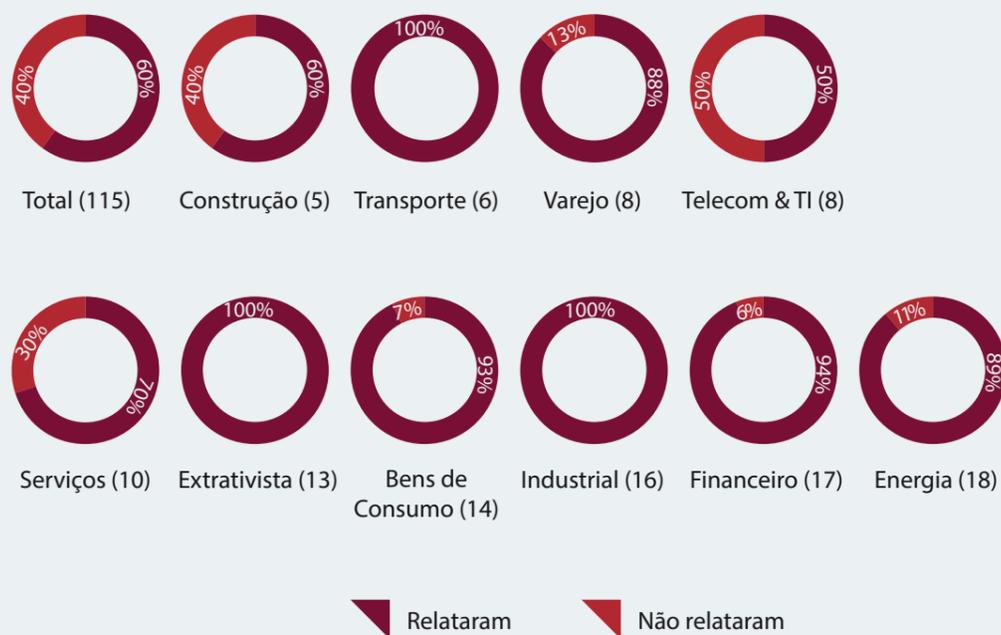
Medição e relato de emissões

A fim de progredir na transição para o baixo carbono, precisamos ser capazes de ver como as empresas estão contribuindo para os esforços globais de redução de emissões. O primeiro passo para isso é a divulgação de informações. Para acompanhar o progresso devemos saber qual é o ponto de partida.

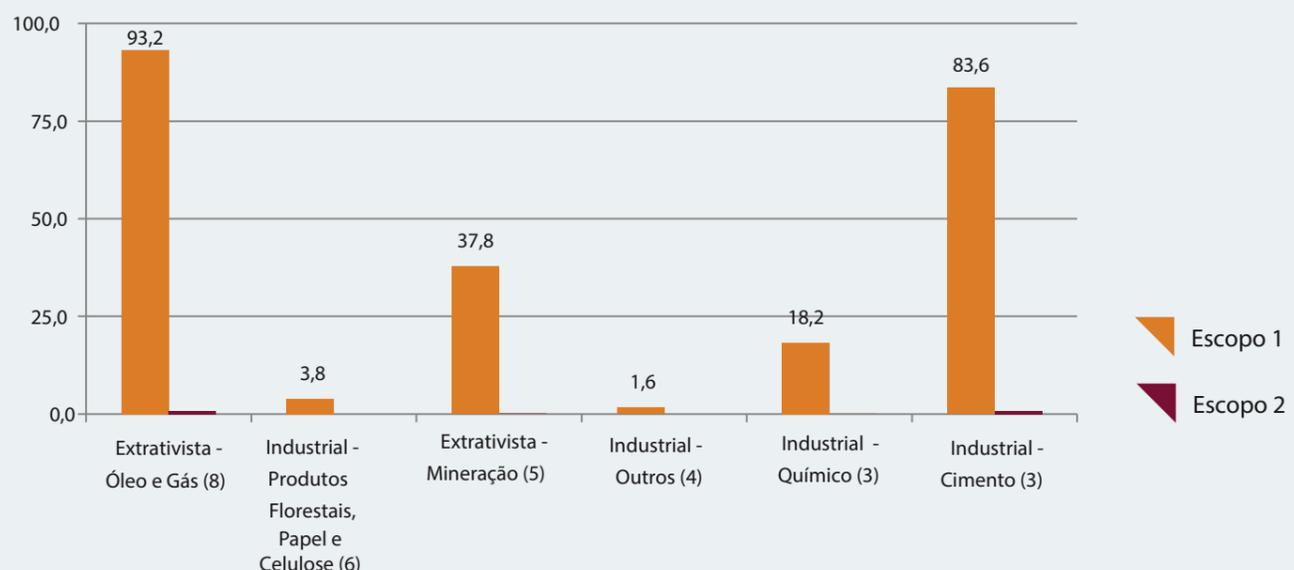
Um total de 115 empresas responderam ao questionário de mudanças climáticas em 2016 na América Latina e, dessas, 17 não reportaram suas emissões de Gases de Efeito Estufa. As empresas que relataram suas emissões de escopo 1 e 2 totalizaram 293,7 MtCO₂e.

Os setores que mais emitem - extrativista, industrial e energia - relataram suas emissões, embora, como veremos ao longo do relatório, são os setores de bens de consumo e financeiro que desenvolvem as principais iniciativas para a transição a uma economia de baixo carbono.

Empresa que relataram e não relataram emissões de escopo 1 e 2 por setor. Número total de empresas em cada setor entre parênteses.



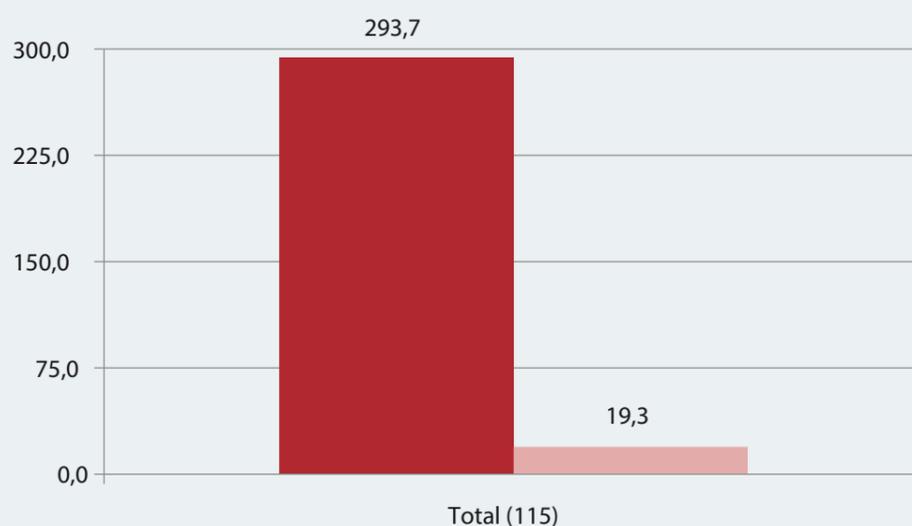
Emissão total de escopo 1 e 2 nos setores extrativista e industrial em MtCO₂e. Número total de empresas em cada setor entre parênteses.



Medição e relato de emissões

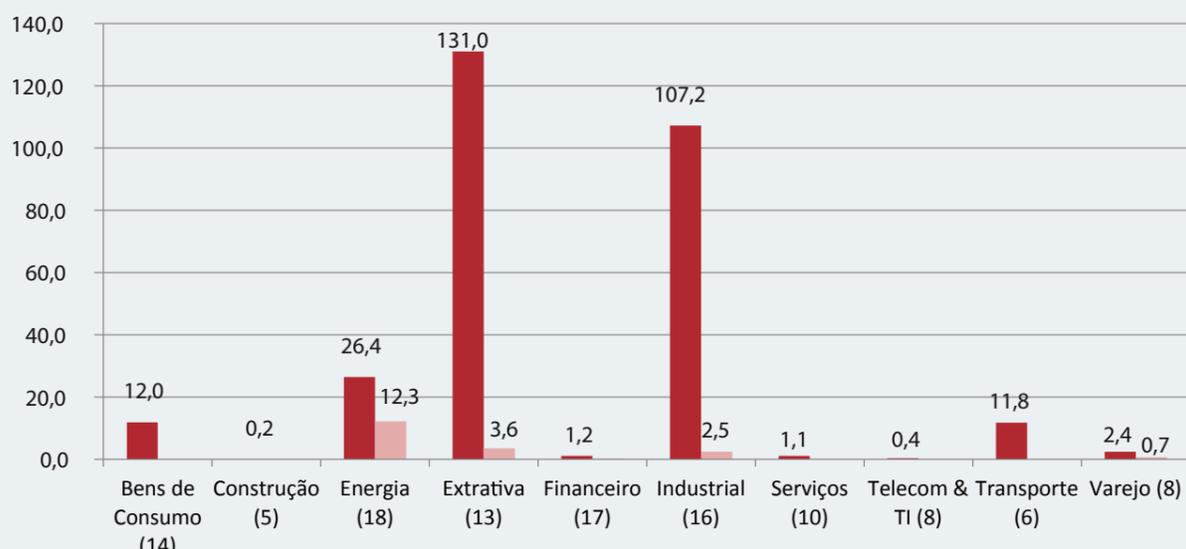
As estimativas de emissões de CO₂e evitadas pelas iniciativas de redução de emissões implementadas em 2015 foram estimadas em 19,3 MtCO₂e (7% da emissões de escopo 1 e 2). Esse montante de redução se concentrou basicamente em três grandes iniciativas nas indústria de óleo e gás, energia e química.

Emissões agregadas de Escopo 1 e 2 e estimativa de emissões de CO₂e evitadas pelas iniciativas de redução de emissões implementadas em 2015 em MtCO₂e. Número total de empresas em cada setor entre parênteses.



- Emissão Agregada de Escopo 1 e 2 (MtCO₂e)
- Estimativa de economia de CO₂e pelas iniciativas de redução de emissões implementadas (MtCO₂e)

Emissão total de escopo 1 e 2 e estimativa de emissões CO₂e evitadas pelas iniciativas de redução de emissões implementadas em 2015 por setor em MtCO₂e. Número total de empresas em cada setor entre parênteses.



- Emissão Agregada de Escopo 1 e 2 (MtCO₂e)
- Estimativa de economia de CO₂e pelas iniciativas de redução de emissões implementadas (MtCO₂e)

Metas

Para chegar a um destino é importante saber onde se está e para onde se quer ir. Para as empresas que consideram uma transição para uma economia de baixo carbono, as metas são a bússola que elas devem usar. Essa é uma ferramenta para que elas entendam onde estão, para guiá-las ao seu destino e para que elas verifiquem se estão no curso correto durante a jornada.

O CDP trabalha com a iniciativa Science Based Targets (SBTi)¹ para orientar as empresas sobre a melhor forma de estabelecer metas de redução de GEE. A coalizão We Mean Business² identificou a definição de SBTs como um dos principais compromissos das empresas rumo a uma economia de baixo carbono. Usando a ciência climática mais recente, os métodos de definição de metas baseados na ciência determinam a participação da empresa no orçamento global de carbono restante baseado em atributos tanto da companhia, como do seu setor.

O relatório do CDP 'Mind the Science', constatou que o nível de esforço do mundo corporativo ainda não é suficiente. Mesmo com centenas de empresas estabelecendo metas de redução para suas emissões diretas, muitas não são relevantes. Para aquelas que estabelecem metas compatíveis com uma trajetória de 2°C, poucas são de longo prazo (olhando até 2030 ou mais).

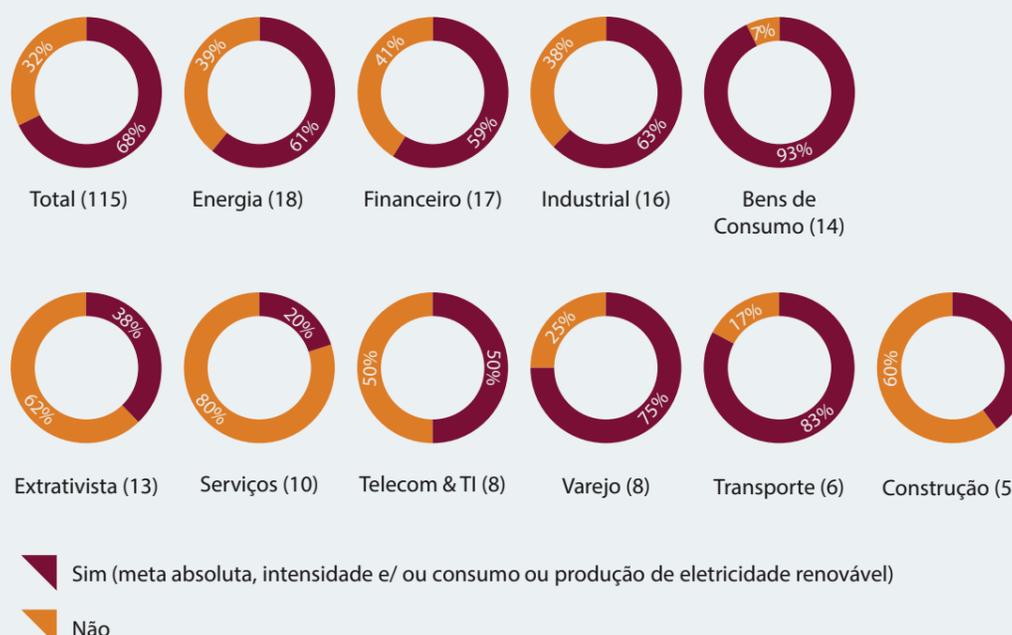
Na América Latina, enquanto 59% das empresas respondentes do questionário do CDP em 2016 estabeleceram metas de redução de emissões, somente nove declararam publicamente que definiram suas metas baseadas na ciência. Por outro lado, a maioria pretende fazê-lo nos próximos dois anos.

Metas de redução de emissões podem encobrir uma inadequação significativa: a meta pode ser aplicável somente a uma pequena proporção das emissões da empresa. Para serem significativas, as metas devem cobrir a maioria das emissões.

Na América Latina, 69% das metas cobriam mais de 80% das emissões nos escopos 1 e 2. Porém, a maioria das metas de redução de emissões estabelecidas são de curto prazo, entre 2015 e 2020.

Essa falta de visão de longo prazo indica que as empresas ainda não consideram de maneira estratégica a necessidade de transição para o baixo carbono.

Metas de redução de emissões em 2015 por setor.
Número total de empresas em cada setor entre parênteses.



Plano de transição

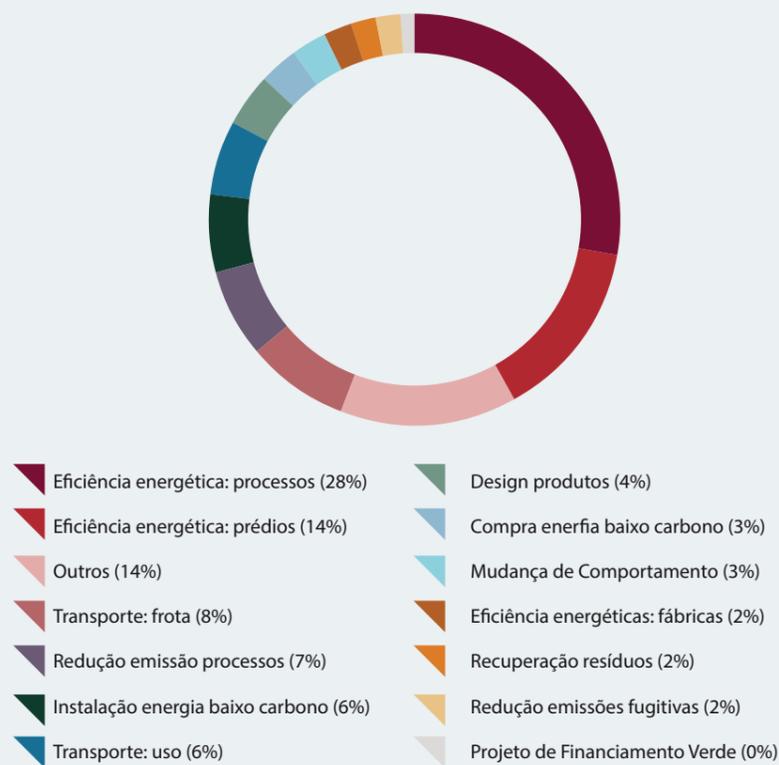
Para o resto do século não se caracterizar por mudança catastrófica no clima, as próximas décadas devem ser marcadas por alterações significativas nos modelos de negócio, à medida que as empresas e as economias passem para um cenário com baixa emissão de carbono. Essa parte do relatório analisa como as empresas estão se aproximando dessa mudança por meio da eficiência energética, energia elétrica renovável e precificando o carbono.

Eficiência energética

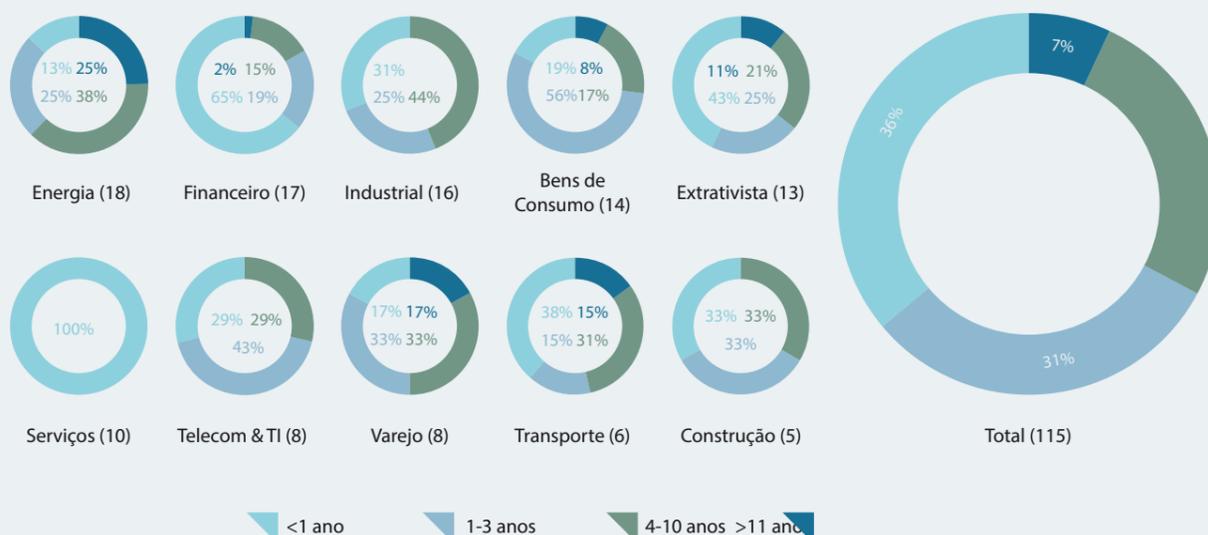
As iniciativas de eficiência energética tiveram maior destaque nos setores de bens de consumo e financeiro, embora tenham ocorrido em todos os setores. Isso se justifica geralmente em função do payback de curto e médio prazo da maioria das iniciativas.

As ações relatadas de eficiência energética em processos industriais e prédios resultaram em uma redução de 3.097 MtCO_{2e} em 2015. Grande parte das iniciativas são de pequena escala com redução média anual de 60 MtCO_{2e}, enquanto quatro iniciativas evitaram juntas a emissão 2.101 MtCO_{2e}.

Tipos de iniciativas implementadas que reduzem emissões de CO_{2e} no total da amostra.



Média de payback das iniciativas implementadas em 2015. Número total de empresas em cada setor entre parênteses.



Case



A EDP assume compromisso de disponibilizar a seus clientes o acesso a produtos e serviços que contribuem para maior eficiência no uso final da energia

Na última Conferência do Clima da ONU (COP 21), o Grupo EDP assumiu compromissos globais de combate às mudanças climáticas. A EDP Brasil comprometeu-se a reduzir 100 GWh de energia em seus clientes até 2020 por meio da ampliação do acesso a produtos e serviços de eficiência energética.

Para atingir esse compromisso, a EDP está investindo no desenvolvimento de novos negócios voltados para soluções em energia para clientes com foco em eficiência energética e geração distribuída que aliam melhorias de desempenho econômico e redução de emissões de gases do efeito estufa.

As soluções em eficiência abrangem desde instalação de lâmpadas LED até desenvolvimento de projetos de cogeração de energia por meio de resíduos industriais, como cavaco e casca de aveia. Em dois anos de prestação de serviços, a EDP já reduziu a emissão de mais de 12mil toneladas de CO₂, além do aproveitamento de materiais que seriam descartados.

A prática da EDP mostra que é possível gerar valor compartilhado (Benefícios econômicos e ambientais) por meio da promoção de iniciativas sustentáveis que contribuam para a mitigação das mudanças climáticas.

“A EDP tem mais de 20 anos de investimento no Setor Elétrico Brasileiro, com unidades de negócio integradas e soluções de eficiência para o cliente, está comprometida global e localmente com o combate às mudanças climáticas, e vamos continuar a investir parte significativa de nossos recursos para o atingimento desses compromissos”

Miguel Setas
CEO EDP Brasil



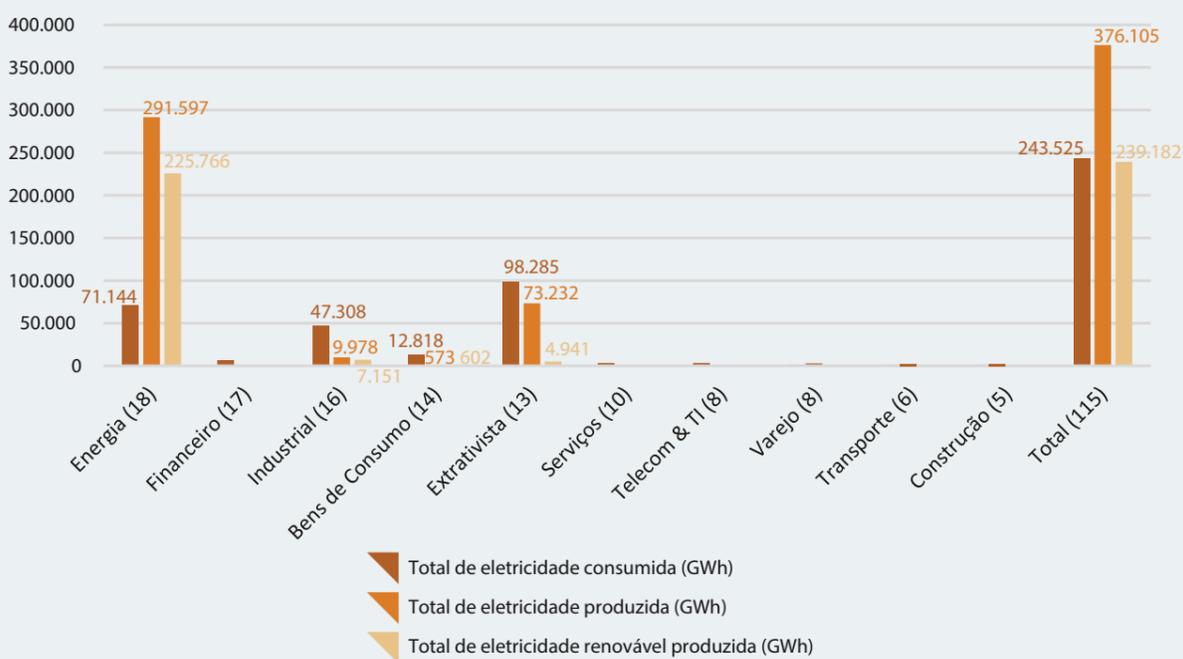
Plano de transição

Energia elétrica renovável

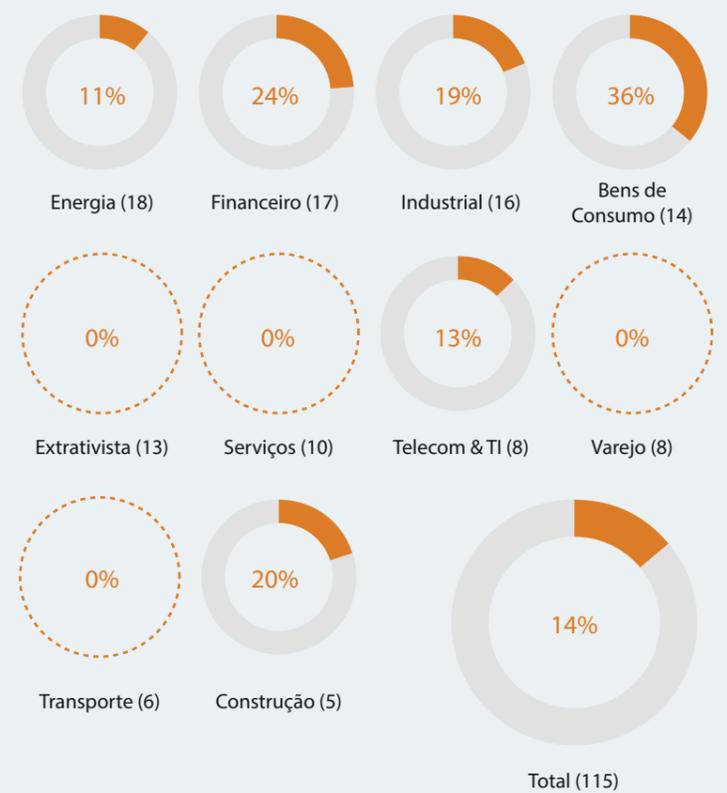
A grande quantidade de energia elétrica renovável produzida na América Latina provem, em grande parte, das usinas hidrelétricas operadas pelas empresas de energia no Brasil, mas também de grandes empreendimentos eólicos. Além disso, nota-se nos demais setores inúmeras iniciativas em pequena escala para gerar parte da eletricidade das empresas por meio de fontes renováveis. Por exemplo, a geração de energia fotovoltaica, eólica, através de biodiesel e biogás proveniente do tratamento de efluentes bem como a cogeração por biomassa, geraram 699GWh de energia elétrica renovável.

A empresas dos setores com menor intensidade de emissões tais como bens de consumo e financeiro são as que estabeleceram com maior frequência uma meta associada ao consumo ou produção de energia elétrica renovável.

Eletricidade consumida e produzida e produzida por fontes renováveis (GWh).
Número total de empresas em cada setor entre parênteses.



Porcentagem de empresas com metas de consumo ou produção de eletricidade renovável por setor. Número total de empresas em cada setor entre parênteses.



Case



O Santander está comprometido com as metas do Acordo de Paris por meio de soluções concretas, viáveis e com potencial para gerar escala e valor compartilhado, apoiando seus clientes na evolução de seus negócios e na administração responsável dos impactos de sua própria atividade.

No Brasil, somos líderes na estruturação, advisory e financiamento de energias renováveis tendo participado da implantação de 80% de toda a capacidade instalada. Desde 2010, investimos R\$ 25 bilhões em parques eólicos. Financiamos R\$ 1 bilhão em projetos de eficiência energética e sistemas fotovoltaicos. No agronegócio nosso foco está na agricultura de baixo carbono e no cumprimento do código florestal.

Em 2016, avançamos nas análises de risco, introduzindo na metodologia de cálculo do rating do cliente a nota da análise socioambiental. Classificamos nossa rede de agências quanto à sua vulnerabilidade em relação à escassez hídrica alimentando planos de gestão. Até 2018, perseguiremos a meta de 9% de redução de nossas emissões e consumo de energia, tendo como ano base 2015.

O setor financeiro tem um papel fundamental para atingir a escala exigida na transição para a economia de baixo carbono. Novos riscos e oportunidades incorporados ao dia a dia dos negócios trarão resultados à altura deste grande desafio que todos temos pela frente.

Linda Murasawa
Superintendente Executiva de Sustentabilidade
Banco Santander Brasil



Plano de transição

Preço do carbono

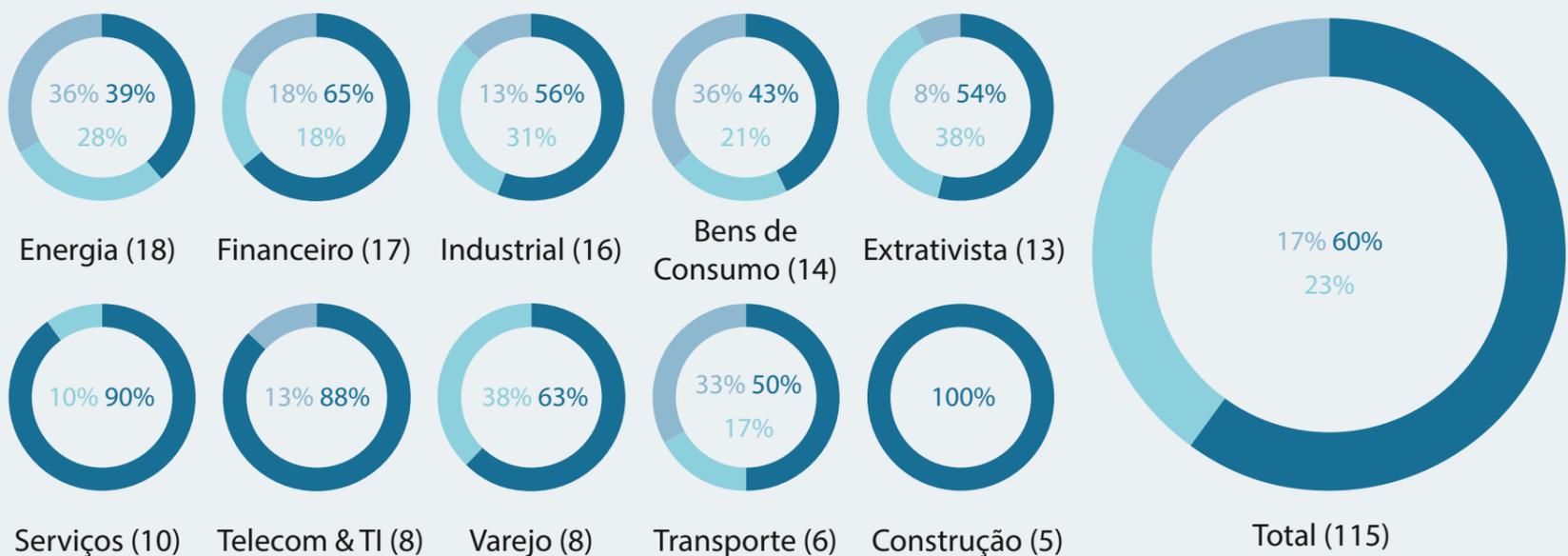
A definição de um preço interno para o carbono é um mecanismo cada vez mais usado para ajudar as empresas a internalizarem os custos externos das emissões de carbono. Atribuir um valor financeiro para as emissões - emitidas e evitadas - ajuda a evidenciar riscos e oportunidades ocultas. Esse mecanismo é usado de várias maneiras – como uma ferramenta para testar a estratégia em cenários futuros, bem como para impulsionar o investimento para atingir metas corporativas alinhadas ao clima. O preço interno é um incentivo adicional para realocar recursos para atividades de baixo carbono e para permitir uma melhor tomada de decisão de investimento. O artigo 6º do Acordo de Paris fundamenta o que poderá vir a ser no futuro um mercado de carbono global regulado.

A minoria das empresa na América Latina definiram um preço interno para o carbono, sendo que os setores com maior intensidade de emissões, industrial e extrativista, são onde menos empresas definiram o preço interno do carbono, embora pretendam fazer nos próximos dois anos. No total, 27 empresas informaram que pretendem definir um preço interno de carbono nos próximos dois anos.

As 20 empresas que definiram um preço interno, o utilizam de maneira estratégica para tomada de decisão, como para, por exemplo:

- ▼ Compreender a magnitude da questão e fornecer uma comparação razoável com outras áreas de negócios a fim de tomar decisões mais conscientes;
- ▼ Construir cenários que preveem o preço do carbono nas atividades para estudar o papel da empresa em um possível sistema de Cap & Trade;
- ▼ Criar cenários que permitam a empresa entender as implicações financeiras sobre o negócio do ponto de vista dos impostos e taxas sobre produtos e serviços que emitem CO₂;
- ▼ Entender a função deste instrumento econômico e como a estratégia de negócio pode ser alinhada a ele;
- ▼ Avaliar empresas como parte do processo de investimento para a gestão de ativos de terceiros, visto que os combustíveis fósseis terão uma redução de participação na matriz energética mundial;
- ▼ Avaliar a aquisição de ativos que utilizam combustíveis fósseis e potencial impacto financeiro sobre a empresa;
- ▼ Comunicar internamente o impacto potencial sobre o valor presente de projetos.

Empresas que definiram preço interno do carbono por setor. Número total de empresas em cada setor entre parênteses.



- ▼ Sem intenção de definir nos próximos 2 anos
- ▼ Intenção de definir nos próximos 2 anos
- ▼ Empresas que definiram preço interno do carbono

Case



Durante a COP21, a Braskem deu atenção especial ao debate sobre um modelo de precificação de carbono capaz de incentivar empresas a reduzir seus níveis de emissões de gases de efeito estufa. Para isso, a Empresa já criou uma plataforma para apoiar suas decisões de investimentos que considera o custo potencial de carbono, oriundo de cenários regulatórios futuros.

A Braskem pretende estar entre as melhores grandes indústrias químicas do mundo em intensidade carbônica e ser importante sequestrador de emissões GEE. Para atingir estes objetivos, a Braskem investe em inovação e tecnologia focada na criação de produtos com menor pegada carbônica, bem como apoiando clientes e parceiros no desenvolvimento de aplicações que reduzem emissões de GEE. Por exemplo, o portfólio de resinas sob o selo Braskem Maxio® foi desenvolvido para oferecer redução do consumo de energia e, conseqüentemente, ganhos ambientais, tais como reduções de emissões de GEE.

Além disso, a Braskem implementou uma estratégia para desenvolver novos produtos que capturam CO₂ da atmosfera. Um bom exemplo é o PE Verde: o primeiro polietileno de origem renovável a ser produzido em escala industrial no mundo, que captura mais de 2,5 t CO₂ por tonelada de produto. A Companhia já anunciou dois novos produtos em desenvolvimento: Butadieno Verde e Isopreno Verde. Essa estratégia de desenvolvimento de produtos baseados em matéria-prima renovável já demonstrou que é uma solução importante para mitigação das mudanças climáticas.

Jorge Soto
Diretor de Desenvolvimento Sustentável
Braskem



Riscos

Sejam pelos aspectos físicos ou regulatórios, as empresas cada vez mais percebem que a mudança climática é um componente de risco material, que se concretizado trará restrições para o crescimento dos negócios nas próximas décadas.

Os resultados são apresentados a seguir.

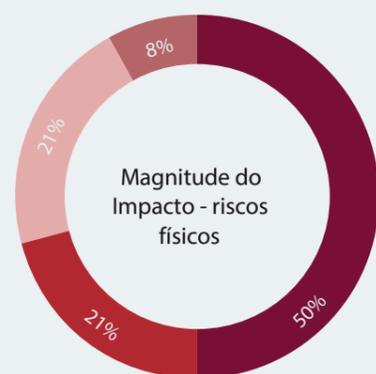
▼ A probabilidade de ocorrência dos riscos regulatórios e físicos é virtualmente certo/ provável para 66% das empresas, enquanto a magnitude do impacto dos riscos regulatórios é alto/médio para 51% das empresa e de 71% para os risco físicos.

▼ O horizonte de tempo esperado para os impactos é de médio para longo prazo para ambos os riscos, embora a taxa de incerteza seja bem alta.

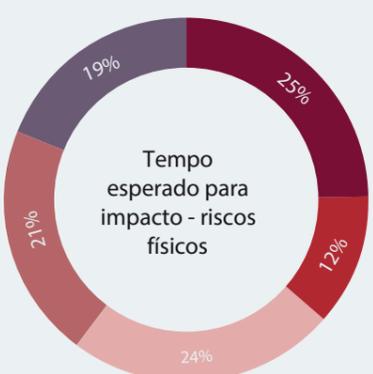
A avaliação das implicações financeiras, métodos e custos de gestão dos riscos, além de outros componentes da questão sobre riscos do questionário, são realizadas ainda de forma muito incipiente pela maioria das empresas respondentes na América Latina. Um olhar mais atento e específico sobre esses aspectos é fundamental para determinação de *business cases* claros para enfrentamento da mudança climática.



▼ Virtualmente certo ▼ Provável
▼ Improvável ▼ Não conhecida



▼ Alto ▼ Médio
▼ Baixo ▼ Não conhecido



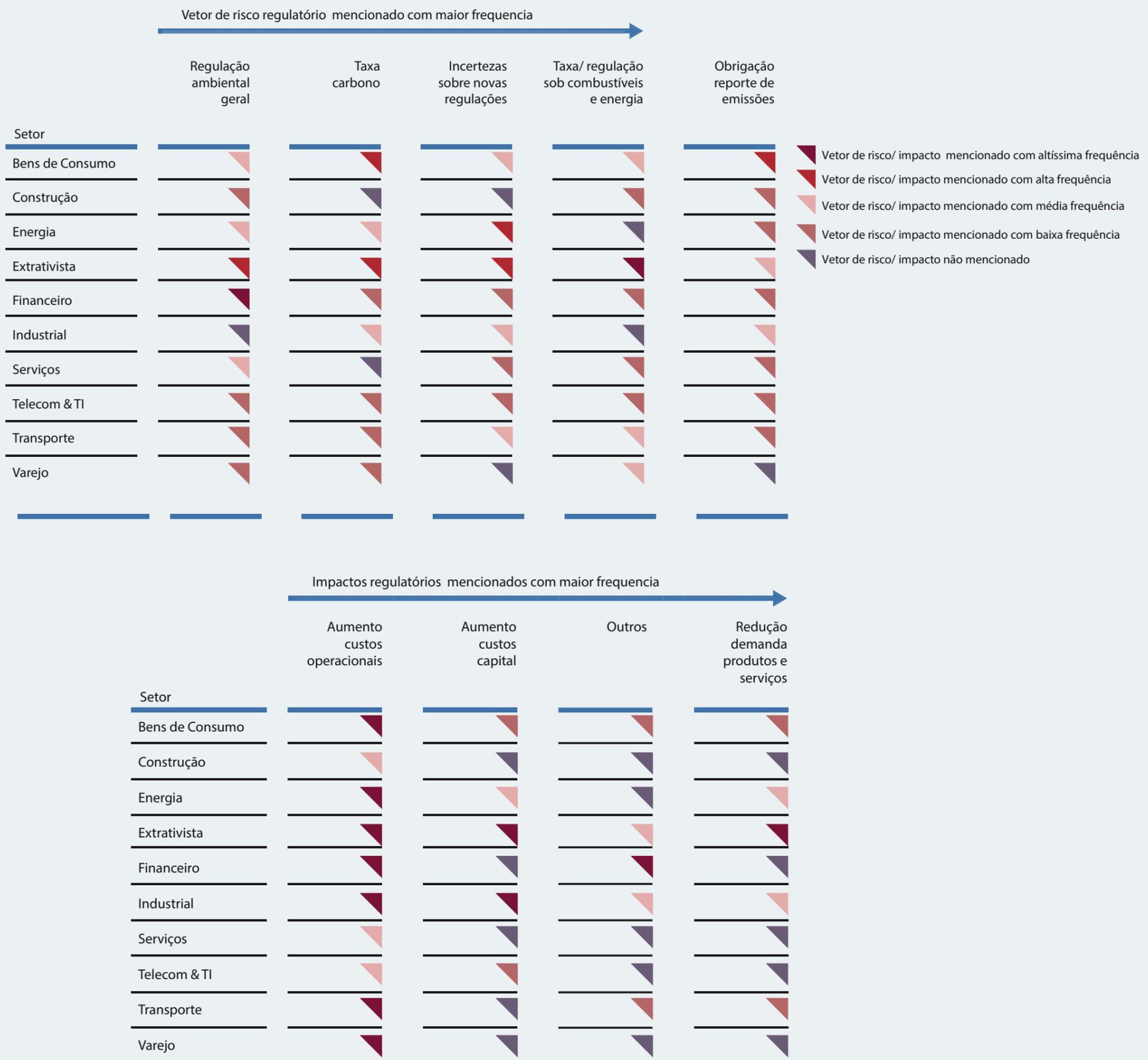
▼ >6 anos ▼ 3-6 anos
▼ 1-3 anos ▼ <1 ano ▼ Desconhecido

Riscos

Principais vetores e impactos dos riscos regulatórios

Os vetores de riscos regulatórios mais mencionados são regulação ambiental geral, taxação sobre combustíveis e energia, bem como acordos internacionais citados com altíssima frequência pelos setores financeiro e extrativista.

Aumento dos custos operacionais apareceu com grande destaque como o impacto mais mencionado na maioria dos setores, seguido do aumento do custo de capital nos setores extrativista e industrial, justamente aqueles mais intensivos em carbono.

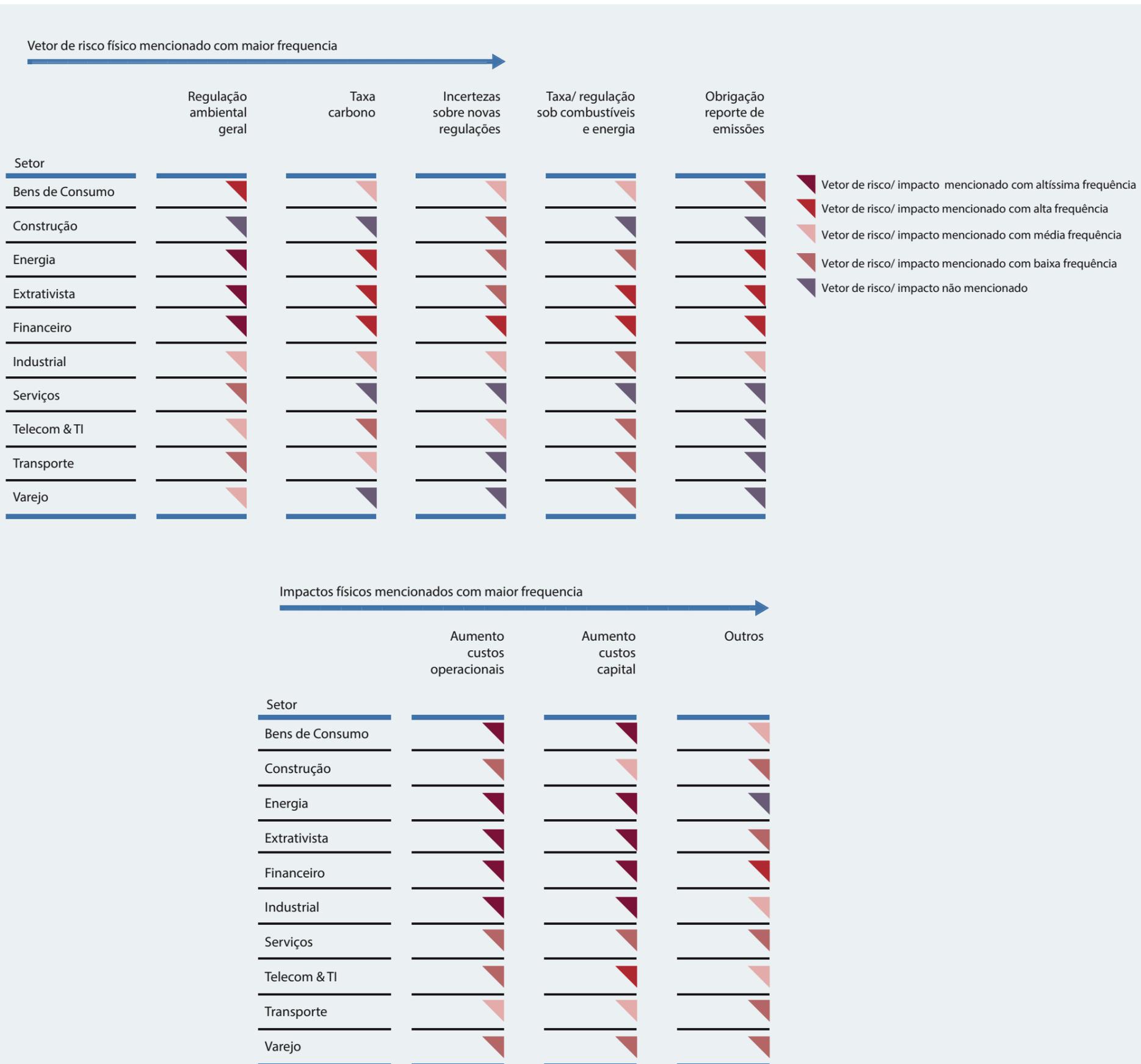


Riscos

Principais vetores e impactos dos riscos físicos

Os riscos físicos são geralmente associados a mudanças na disponibilidade dos recursos hídricos. Mudança extrema em precipitação e secas é mencionada com grande frequência nos setores de energia, extrativista e financeiro.

Por outro lado, os principais impactos identificados são redução/ interrupção capacidade produtiva e aumento de custos operacionais, muito mencionados nos setores de bens de consumo, energia, extrativista, financeiro e industrial.



Pontuação das empresas participantes do Programa Mudança Climática no Brasil

Nome da empresa	2016 Score
Braskem S/A	A
Ecorodovias Infraestrutura e Logística S.A	A
Banco Santander Brasil	A-
BM&FBOVESPA	A-
BRF S.A	A-
Companhia de Concessões Rodoviárias - CCR	A-
Companhia Energetica Minas Gerais - CEMIG	A-
CPFL Energia SA	A-
Duratex S/A	A-
FIBRIA Celulose S/A	A-
Itaú Unibanco Holding S.A.	A-
Itausa Investimentos Itau S.A.	A-
JBS S/A	A-
Klabin S/A	A-
Lojas Renner S.A.	A-
Petróleo Brasileiro SA - Petrobras	A-
Ultrapar Participações S/A	A-
Vale	A-
Banco Bradesco S/A	B
Cia Paranaense de Energia - COPEL	B
Duke Energy International Geracao Paranapanema S.A.	B
EDP - Energias do Brasil S.A.	B
Marfrig Global Foods S/A	B
Natura Cosmeticos SA	B
Oi S.A	B
Tim Participações S.A.	B
Weg S/A	B
AES Tiete SA	C

Nome da empresa	2016 Score
Banco do Brasil S/A	C
Cia Energética de São Paulo S.A. - CESP	C
Cia. Brasileira de Distribuicao (CBD) Grupo Pao de Acucar	C
Ecofrotas	C
Eletropaulo Metropolitana Eletricidade de São Paulo S/A	C
EMFLORA	C
Fleury S.A.	C
LIGHT SA	C
MRV Engenharia e Participações	C
Triunfo	C
Cielo SA	C-
Odontoprev S/A	C-
B2W Companhia Global do Varejo	D
BRMALLS Participações	D
Centrais Eletricas de Santa Catarina SA CELESC	D
CIA SANEAMENTO DE MINAS GERAIS - COPASA	D
Lojas Americanas S/A	D
Minerva Foods	D
Porto Seguro S.A.	D
Smiles SA	D
Tupy SA	D
Via Varejo	D
Cia Energetica do Rio Grande Norte - COSERN	D-
Companhia de Eletricidade do Estado da Bahia COELBA	D-
Cyrela Brazil Realty S.A. Empreendimentos e Participações	D-
Kroton Educacional SA	D-
Raia Drogasil SA	D-

Score	Nível
A e A-	Liderança (Leadership)
B e B-	Gestão (management)
C e C-	Consciência (Awareness)
D e D-	Divulgação (Discloucre)

Pontuação das empresas participantes do Programa Mudança Climática na América Latina

Nome da empresa	País	2016 Score
BanColombia SA	Colombia	A-
CEMEX	Mexico	A-
Grupo Financiero Banorte SAB de CV	Mexico	A-
Fresnillo plc	Mexico	B
Banco Davivienda SA	Colombia	B
Celsia SA ESP	Colombia	B
Cementos Argos SA	Colombia	B
Colbun SA	Chile	B
Grupo de Inversiones Suramericana SA	Colombia	B
Interconexion Electrica Sa	Colombia	B
Vina Concha y Toro S A	Chile	B
Wal Mart de Mexico	Mexico	B
Isagen S.A. E.S.P.	Colombia	B-
Axtel	Mexico	C
Banco de Galicia y Buenos Aires S.A.	Argentina	C
Credicorp Limited	Peru	C
Grupo Bimbo, S.A.B. de C.V.	Mexico	C
Grupo Nutresa S.A.	Colombia	C
Grupo Televisa S.A.	Mexico	C
SURA Peru	Peru	C
Ecopetrol Sa	Colombia	D
Empresas CMPC	Chile	D

Score	Nível
A e A-	Liderança (Leadership)
B e B-	Gestão (management)
C e C-	Consciência (Awareness)
D e D-	Divulgação (Discloucre)

Empresas que não deixaram suas respostas e Score públicos do Programa Mudança Climática

América Latina

Nome da empresa	País
CETIP SA - Mercado Organizados	Brasil
Cia. Siderurgica Nacional - CSN	Brasil
Embraer S.A.	Brazil
Grupo BTG Pactual	Brasil
Linx SA	Brasil
QGEP Participacoes SA	Brasil
Qualicorp SA	Brasil
SLC Agricola SA	Brasil
VALID SOLUCOES SA	Brasil
Aguas Andinas SA	Chile
Empresas COPEC S.A.	Chile
LATAM Airlines Group SA	Chile
Sonda SA	Chile
Almacenes Éxito	Colômbia
Banco de Bogota SA	Colômbia
Alfa SAB de CV	México
Alpek SAB de CV	México
Asea of Mexico	México
America Movil	México
Arca Continental, SAB de CV	México
Coca-Cola Femsa Sab-Ser I	México
Fibra Uno Administracion SA de CV	México
Grupo Lala	México
Grupo Mexico S.A.B. de CV	México
Nemak	México

Score	Nível
A e A-	Liderança (Leadership)
B e B-	Gestão (management)
C e C-	Consciência (Awareness)
D e D-	Divulgação (Discloucre)

Empresas não respondentes do Programa Mudança Climática na América Latina

Nome da empresa		2016 Score	Nome da empresa		2016 Score
Aliansce Shopping Centers S.A	Brasil	F	Grendene SA	Brasil	F
Alpargatas SA	Brasil	F	Helbor Empreendimentos SA	Brasil	F
Alupar Investimento SA	Brasil	F	Hypermarcas S/A	Brasil	F
Arteris SA	Brasil	F	IGUATEMI	Brasil	F
Banco ABC Brasil SA	Brasil	F	lochpe-Maxion SA	Brasil	F
Banco do Estado do Rio Grande do Sul S/A	Brasil	F	Localiza Rent a Car S.A.	Brasil	F
BR Properties SA	Brasil	F	M Dias Branco SA	Brasil	F
Bradespar S A	Brasil	F	Magazine Luiza	Brasil	F
Brasil Insurance Participacoes e Administracao SA	Brasil	F	Mahle-Metal Leve SA	Brasil	F
Centrais Eletricas do Para SA CELPA (CELPA)	Brasil	F	Marcopolo S/A	Brasil	F
Cia Hering	Brasil	F	Metalurgica Gerdau S.A.	Brasil	F
Comgás - Cia Gas de São Paulo	Brasil	F	Mills Estruturas e Servicos de Engenharia SA	Brasil	F
Companhia de Saneamento Basico do Estado de Sao Paulo - SABESP	Brasil	F	MULTIPLAN Empreendimentos Imobiliários S.A.	Brasil	F
Companhia Energetica do Maranhao Cemar	Brasil	F	Multiplus SA	Brasil	F
Cosan Logistica SA	Brasil	F	PDG Realty S/A Empreend. e Participações	Brasil	F
CTEEP Cia Trans Eletrica Paulista	Brasil	F	Prumo Logística	Brasil	F
CVC Brasil Operadora e Agencia de Viagens SA	Brasil	F	Randon S.A. Implementos e Participações	Brasil	F
Direcional Engenharia SA	Brasil	F	Rumo	Brasil	F
Energisa SA	Brasil	F	Sao Martinho SA	Brasil	F
Equatorial Energia SA	Brasil	F	Ser Educacional SA	Brasil	F
Estacio Participacoes SA	Brasil	F	Sul América S/A	Brasil	F
Even Construtora e Incorporadora SA	Brasil	F	Suzano Papel & Celulose	Brasil	F
Ez Tec Empreendimentos e Participacoes SA	Brasil	F	Tecnisa SA	Brasil	F
FPC Par Corretora De Seguros S/A	Brasil	F	Totvs SA	Brasil	F
Gaec Educacao SA	Brasil	F	Transmissora Alianca de Energia Eletrica SA	Brasil	F
Gafisa S.A.	Brasil	F	Usinas Siderúrgicas de Minas Gerais S.A. Usiminas	Brasil	F
Gol Linhas Aereas Inteligentes S.A.	Brasil	F			

Score	Nível
A e A-	Liderança (Leadership)
B e B-	Gestão (management)
C e C-	Consciência (Awareness)
D e D-	Divulgação (Discloucre)

Empresas que não deixaram suas respostas e Score públicos do Programa Mudança Climática

Nome da empresa	País	2016 Score	Nome da empresa	País	2016 Score
Banco de Chile	Chile	F	Grupo Argos	Colômbia	F
Banco de Credito e Inversiones	Chile	F	Grupo Aval Acciones y Valores	Colômbia	F
Banregio Grupo Financiero S.A. de CV	México	F	Grupo Carso S.A.	México	F
Bio Pappel SAB de CV	México	F	Grupo Comercial Chedraui	México	F
Cencosud S.A.	Chile	F	Grupo Elektra S.A. De CV	México	F
Chilectra S.A.	Chile	F	GRUPO FINANCIERO INBURSA-O	México	F
Compania Cervecerias Unidas S.A. (CCU)	Chile	F	Grupo Financiero Interacciones S.A. de CV	México	F
Compania General de Electricidad S.A.	Chile	F	Grupo Sanborns S.A. de CV	México	F
Controladora Comercial Mexicana	México	F	Impulsora del Desarrollo y el Empleo en America Latina SAB de CV	México	F
Controladora Fibra Danhos S.A. de C.V.	México	F	Industrias Bachoco S.A.	México	F
Controladora Vuela Compania de Aviacion S.A.B. de C.V.	México	F	Industrias Peñoles	México	F
Corp Financiera Colombiana S.A	Colômbia	F	Infraestructura Energetica Nova S.A.B. de C.V.	México	F
CORPBANCA	Chile	F	Kimberly-Clark de México S.A.B. de C.V.	México	F
Corporación Inmobiliaria Vesta S.A.B de C.V.	México	F	Luz del Sur S.A.	Perú	F
Edegel S.A.A.	Perú	F	Mexichem S.A.B. de CV	México	F
El Puerto de Liverpool S.A.B. de CV	México	F	Minas Buenaventura	Perú	F
Embotelladora Andina	Chile	F	Organizacion Soriana	México	F
Empresa Electrica Pehuenche S.A.	Chile	F	Pampa Energia S.A.	Argentina	F
Empresa Nacional de Telecom	Chile	F	Pemex – Petroleos Mexicanos	México	F
Empresas ICA, S.A.B. de C.V.	México	F	Promotora y Operadora de Infraestructura S.A.B. de CV	México	F
Enaex	Chile	F	Quiñenco S.A.	Chile	F
Endesa-Chile	Chile	F	S.A.C.I. Falabella	Chile	F
Enersis S.A.	Chile	F	Sociedad Comercial del Plata S.A.	Argentina	F
Genomma Lab Internacional S.A.B. de CV	México	F	Sociedad Matriz Banco de Chile S.A.	Chile	F
Gentera SAB	México	F	Sociedad Quimica y Minera de Chile S.A.	Chile	F
Gruma SAB	México	F	Southern Copper Corporation	Perú	F
Grupo AeroMéxico S.A.B. de CV	México	F	TECNIAMSA S.A E.S.P	Colômbia	F
Grupo Aeroportuario del Centro Norte, S.A.B. de C.V.	México	F	Union Andina de Cementos S.A.A.	Perú	F
Grupo Aeroportuario del Pacifico S.A.B. de CV	México	F	Volcan Compania Minera S.A.A.	Perú	F
Grupo Aeroportuario del Sureste S.A.B. de CV	México	F	YPF S.A.	Argentina	F

Score	Nível
A e A-	Liderança (Leadership)
B e B-	Gestão (management)
C e C-	Consciência (Awareness)
D e D-	Divulgação (Discloucre)

F: Não forneceu informações suficientes ao CDP para que fosse avaliada no quesito mudanças climáticas*

* Nem todas as empresas costumam responder ao pedido de informações enviado pelo CDP. As empresas que são convidadas a divulgar seus dados e não conseguem fazê-lo, ou não fornecem informações suficientes recebem uma nota F. Isso significa que a empresa não apresentou informações ambientais ao CDP, portanto não foi possível avaliá-la, e não que a empresa não presta nenhum tipo de informação ambiental de forma pública.



Água

Segurança hídrica

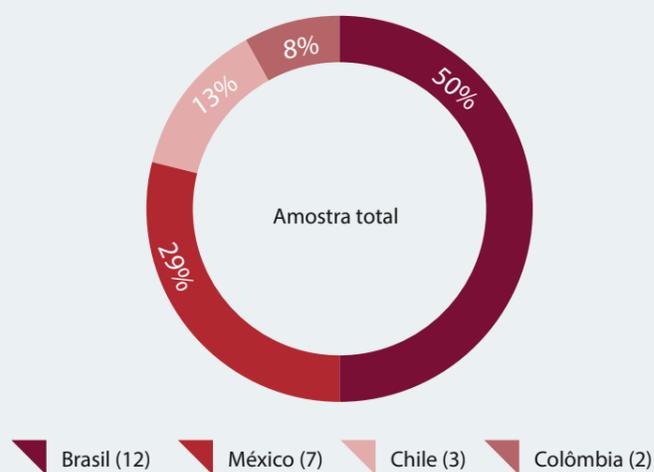
A mudança climática tende a aumentar o stress hídrico, que é um risco claro com influência direta no bem estar. Os recursos hídricos apresentam desafios únicos em relação à mensuração e divulgação de dados em escalas locais e globais, tendo em vista que a água é um problema local ou regional. Sendo assim, os desafios e oportunidades dependem dos padrões locais de chuvas, das bacias hidrográficas e dos aquíferos, bem como do grau e da forma de uso local.

Ao contrário de uma tonelada de dióxido de carbono que terá o mesmo impacto se emitida na Amazônia ou no deserto do Atacama, a escala geográfica e o local da utilização da água é crucial. Um metro cúbico de água na Amazônia tem consequências muito diferentes de um metro cúbico utilizado no deserto do Atacama. Isso cria complexidades para as empresas que buscam compreender e divulgar indicadores corporativos sobre o uso da água, bem como gerenciar o uso que fazem dos riscos hídricos.

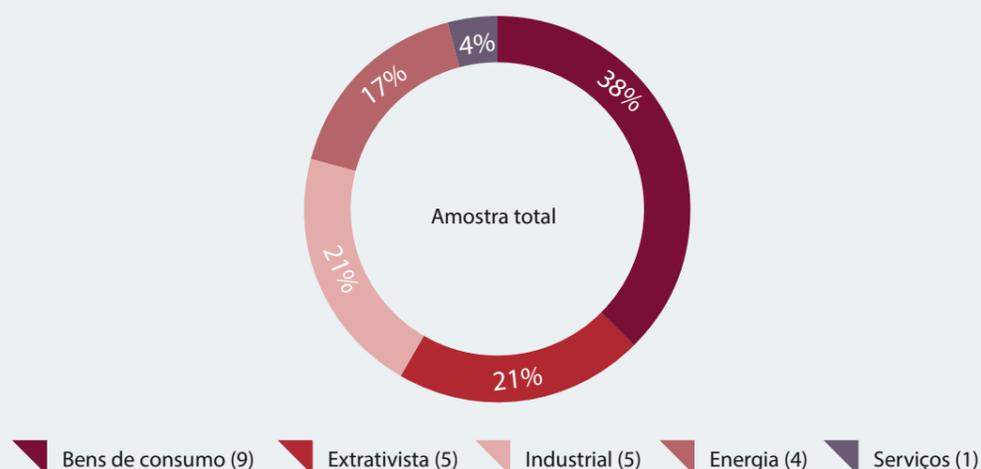
Eventos climáticos extremos cada vez mais intensos e frequentes estão diretamente relacionados à disponibilidade de água. A escassez de água ou sua disponibilidade em má qualidade impacta direta e indiretamente as empresas, aumentando seus custos operacionais e obrigando-as a implementar estratégias de gerenciamento cada vez mais dependentes de tecnologias.

Em 2016, 24 empresas na América Latina, de um total de 31 convidadas, responderam ao questionário do GDP sobre água. A maioria delas no setor de bens de consumo (alimentos e bebidas) e localizadas no Brasil.

Amostra por país na América Latina.
Número total de empresas em cada país entre parênteses.

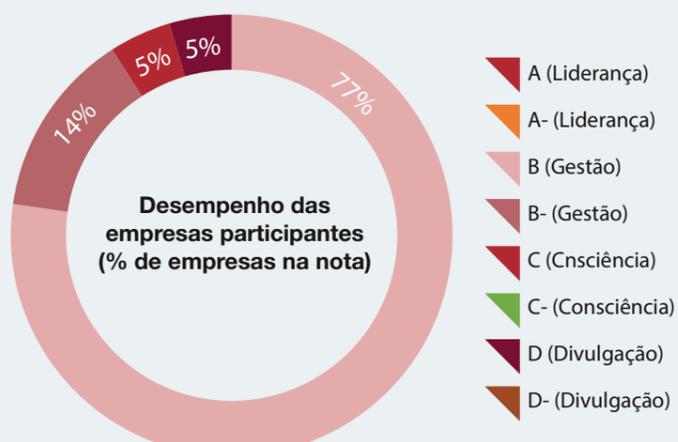


Amostra por setor* na América Latina.
Número total de empresas em cada setor entre parênteses.



*Agrupamento dos setores:

Bens de Consumo (alimentos e bebidas, varejo alimentos)
Industrial (química, gráfica, produtos florestais, papel e celulose)
Extrativista (óleo e gás, mineração)
Serviços (mídia)

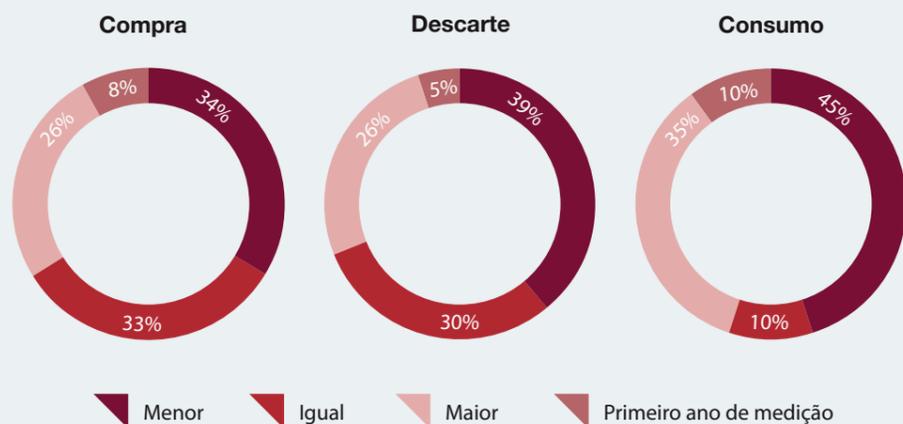


Uso da água

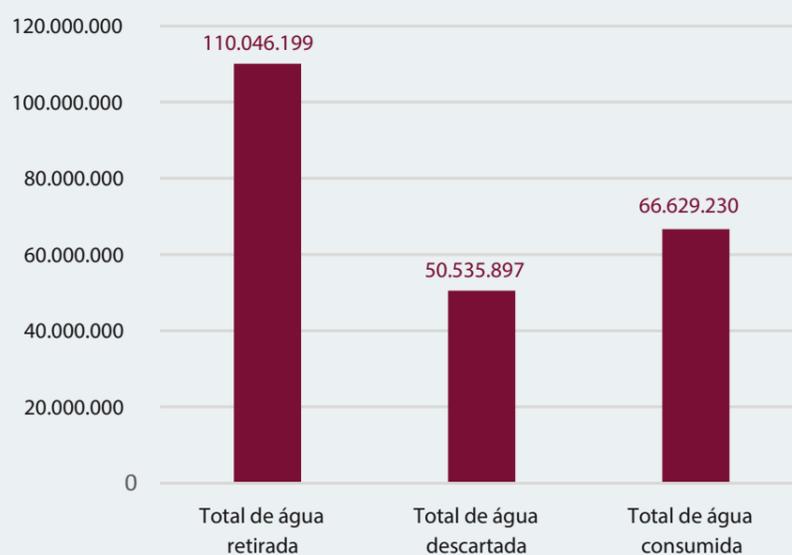
Muitos modelos de negócios são construídos a partir da premissa de que o fornecimento estável de água de boa qualidade estará sempre disponível. O aumento do stress hídrico significa que essa premissa não é mais válida. Como resultado, a insegurança hídrica pode trazer riscos financeiros para algumas empresas e seus investidores.

A maioria das empresas que respondem ao questionário já perceberam essa situação crítica e estão agindo para diminuir o uso da água em seus negócios. Por exemplo, 67% da retirada, 55% do consumo e 69% do descarte de água foram menores ou iguais que no ano anterior.

Varição da compra, do consumo e do descarte de água nas empresas em relação ao ano anterior



Uso da água em 2015 pelas empresa respondentes (megalitros)



Gestão de impactos e cadeia de valores

O aumento do stress hídrico afetará os sistemas de alimentos e energia ao redor do mundo. A agricultura, que atualmente utiliza cerca de 70% da água doce do mundo, será duramente afetada. Haverá ainda um aumento das privações de populações vulneráveis aumentando o risco de conflitos.

A análise das respostas do questionário de Água destacam os principais resultados da gestão dos recursos hídricos:

Os principais impactos negativos sofridos pelas empresas em relação a água são físicos. Impactos reputacionais e regulatórios quase não são mencionados;

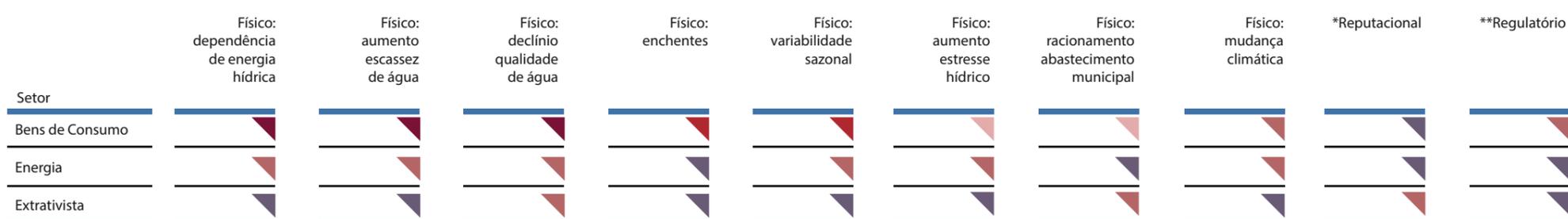
O setor de alimentos e bebidas (bens de consumo), por ser altamente dependente do recurso se destaca com diversas estratégias de gestão interna para responder a esse desafio;

Investimento em infraestrutura e em novas tecnologias e a promoção de conscientização são estratégias em destaque;

Por outro lado os setores extrativista e de energia priorizam estratégias de resposta externas como engajamento com stakeholders na bacia hidrográfica e com formuladores de políticas públicas (governos);

Mesmo quando as próprias operações ou ativos não são afetados, muitas empresas podem estar expostas e serem significativamente afetadas pela alteração dos padrões de disponibilidade de água. Para empresas com grandes cadeias de valor, a avaliação do uso da água e seu impacto nos insumos comprados pode ser algo altamente complexo. Mesmo assim, somente 4 empresas dos setores industrial e bens de consumo solicitam aos seus fornecedores informações sobre uso, risco e/ou gestão de recursos hídricos. Esses fornecedores representam até 25% dos gastos totais de compras dessas empresas.

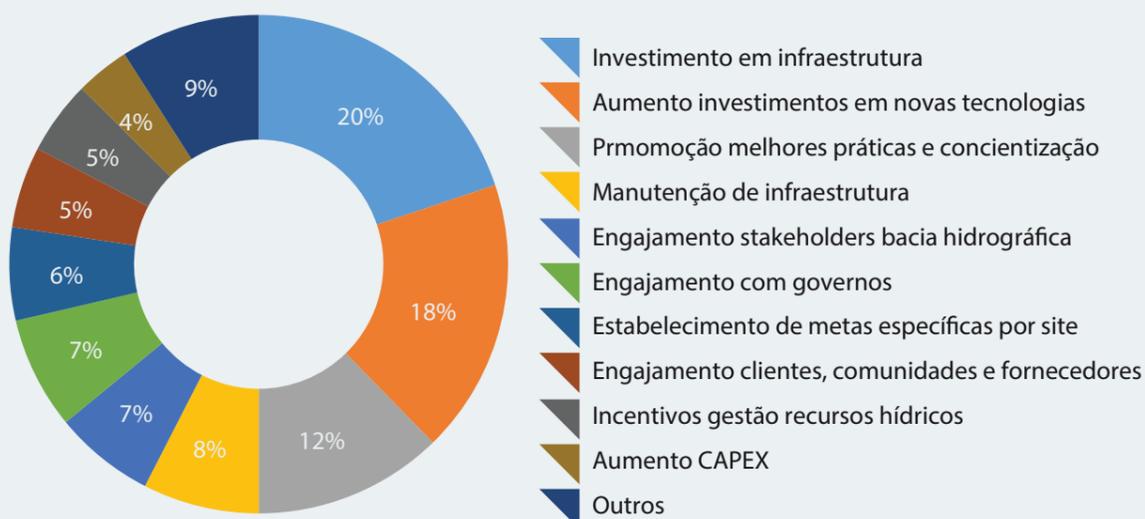
Impactos prejudiciais sofridos pelas empresas relacionados à água:



- Impacto mencionado com altíssima frequência
- Impacto mencionado com alta frequência
- Impacto mencionado com média frequência
- Impacto mencionado com baixa frequência
- Impacto não mencionado

* Oposição comunidades entorno e cobertura da mídia
** Aumento preço da água e maior dificuldade para obtenção de outorga

Estratégia de respostas aos impactos sofridos pelas empresas relacionados à água





**I'm
green**



Gestão de risco hídrico: uma decisão estratégica de negócio

Gerenciar o risco hídrico não é somente uma questão ambiental; é uma decisão estratégica, pois envolve confiabilidade operacional de processos e, em alguns casos, a viabilidade do negócio. Com essa visão, a Braskem realizou um estudo para identificar os potenciais impactos às suas operações em quatro regiões no Brasil, avaliando os riscos de escassez hídrica atuais e futuros até 2040.

A necessidade de mitigar esses riscos direciona para definição de metas de redução de captação de água e a necessidade de engajar outros atores que interagem nessas bacias hidrográficas, uma vez que ações exclusivamente internas à Braskem não serão suficientes para solucionar a escassez hídrica na região.

A Braskem não se limita a melhorar a pegada hídrica de suas operações, apesar do consumo de água ser 6 vezes inferior à média da indústria química mundial. A Braskem trabalha para ter fontes cada vez mais sustentáveis. Por esse motivo tem fortalecido seu esforço em reuso de água, considerando como fontes água de chuva, esgoto doméstico tratado e efluentes industriais. Em 2015, o índice de reaproveitamento atingiu 25%, com isso cerca de 16,6 bilhões de litros deixaram de ser extraídos de corpos hídricos. Como provedor de soluções, a Braskem busca, em parceria com seus clientes, desenvolver aplicações que contribuam para o uso eficiente desse recurso na cadeia e para a redução de perdas na distribuição de água tratada.

Jorge Soto
Diretor de Desenvolvimento Sustentável
Braskem



Estratégia, governança e compliance

Os recursos hídricos serão cada vez mais regulados pelo poder público e passarão a ter um valor maior, implicando em aumento de custos e maior rigor fiscalização.

A gestão da água com caráter estratégico, não somente operacional no âmbito da plantas, já é uma realidade para grande parte das empresa respondentes.

Essas multas estão relacionados principalmente a pequenos derramamentos de óleo e lançamento de efluentes acima do permitido.

O estabelecimento de KPIs e metas, associados a práticas de reportes periódicos para as instâncias superiores da empresa indica que o assunto de fato pode impor restrições severas para as operações. Os impactos financeiros das multas reportadas representaram cerca de 1% do OPEX (Operational Expenditure - despesa operacional) das empresas que sofreram penalidades.

Como a água influenciou positivamente a estratégia de negócio?

Setor
Bens de Consumo
Energia
Extrativista
Industrial

Definição de metas de sustentabilidade

Demonstrações públicas de compromissos com a água

Consideração sobre a questão da água no planejamento de novas operações

KPIs para gestão da água

- Mencionado com altíssima frequência
- Mencionado com alta frequência
- Mencionado com baixa frequência
- Não mencionado

Como a água influenciou negativamente estratégia de negócio?

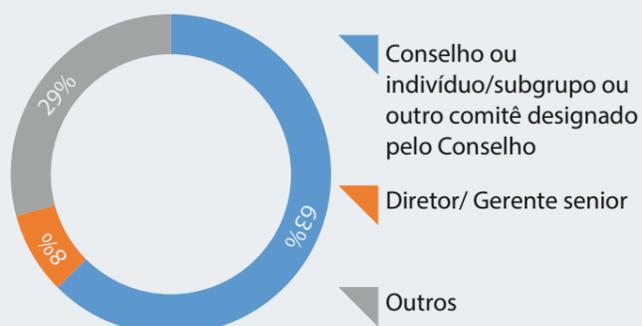
Setor
Bens de Consumo
Energia
Extrativista
Industrial
Serviços

Nenhuma influência mensurável

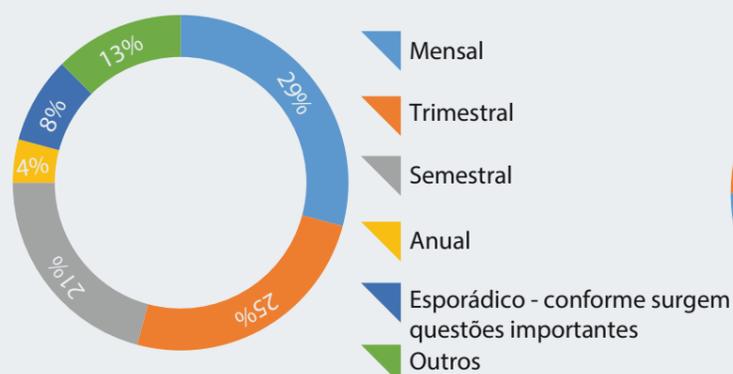
Aumento despesas operacionais

Desinvestimento em regiões expostas a riscos hídricos

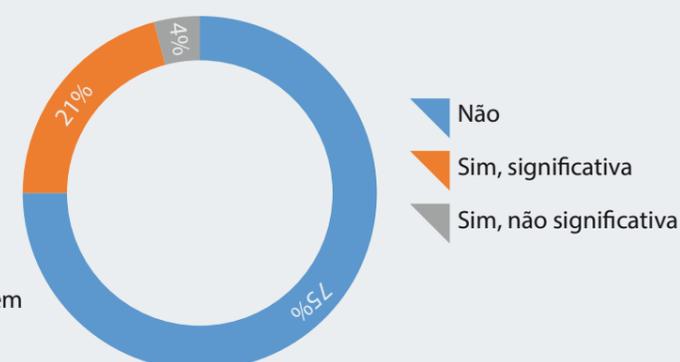
Maior nível de responsabilidade direta sobre água nas empresas



Frequência de reportes sobre questões relacionadas a água



Penalidade recebida por não cumprimento de licenças de retirada e/ou lançamento inadequado de água ou efluentes



Pontuação das empresas participantes do Programa Água

Brasil

Nome da empresa	2016 Score
JBS S/A	B
Companhia Energética Minas Gerais	B
Vale	B
Braskem S.A.	B
CPFL Energia S.A.	B
Duratex S.A.	B
Klabin S.A.	B
Marfrig Global Foods S.A.	B

América Latina

Nome da empresa	País	2016 Score
Ecopetrol S.A	Colômbia	B
Fresnillo plc	México	B
Celsia S.A ESP	Colômbia	B-
Empresas CMPC	Chile	B-
Grupo Televisa S.A.	México	C

Empresas com respostas e score não públicos

Nome da empresa	2016 Score
Cia. Siderurgica Nacional - CSN	Brasil
Petróleo Brasileiro S.A. - Petrobras	Brasil
BRF S.A.	Brasil
Colbun S.A.	Chile
Wal Mart de Mexico	México
Femsa - Fomento Economico Mexicano	México
Coca-Cola Femsa Sab-Ser I	México
Arca Continental, S.A.B. de CV	México
Grupo Bimbo, S.A.B. de C.V.	México

Score	Nível
A e A-	Liderança (Leadership)
B e B-	Gestão (management)
C e C-	Consciência (Awareness)
D e D-	Divulgação (Discloucre)

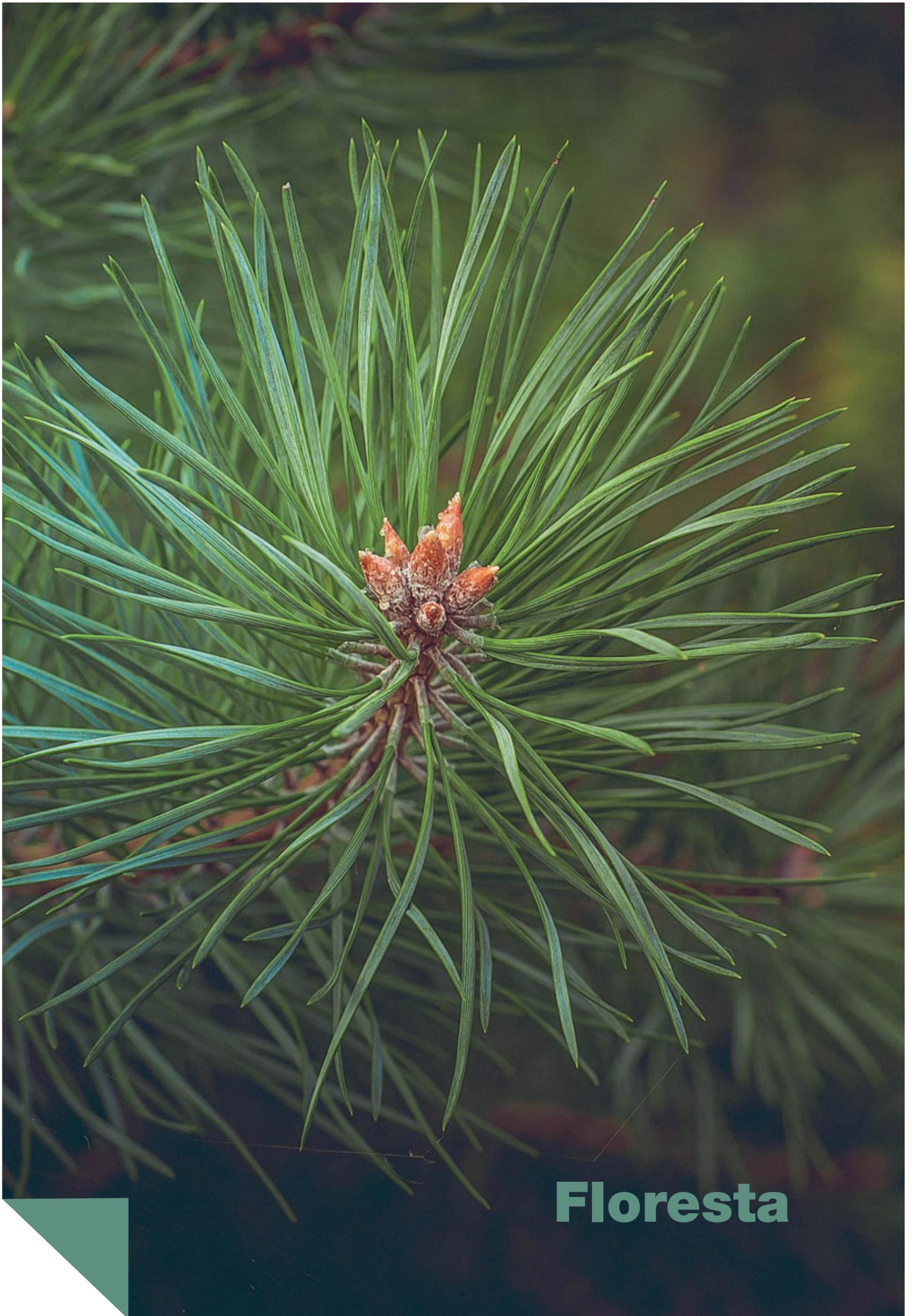
Empresas não respondentes do Programa Água

Nome da empresa	País	2016 Score
Cia. Brasileira de Distribuição (CBD) Grupo Pão de Açúcar	Brasil	F
Corporación Inmobiliaria Vesta S.A.B de C.V.	México	F
Empresas ICA, S.A.B. de C.V.	México	F
Enersis S.A.	Chile	F
Southern Copper Corporation	Perú	F

Score	Nível
A e A-	Liderança (Leadership)
B e B-	Gestão (management)
C e C-	Consciência (Awareness)
D e D-	Divulgação (Discloucre)

F: Não forneceu informações suficientes ao CDP para ser avaliada no quesito água*

* Nem todas as empresas costumam responder ao pedido de informações enviado pelo CDP. As empresas que são convidadas a divulgar seus dados e não conseguem fazê-lo, ou não fornecem informações suficientes recebem uma nota F. Isso significa que a empresa não apresentou informações ambientais ao CDP, portanto não foi possível avaliá-la, e não que a empresa não presta nenhum tipo de informação ambiental de forma pública.



Floresta

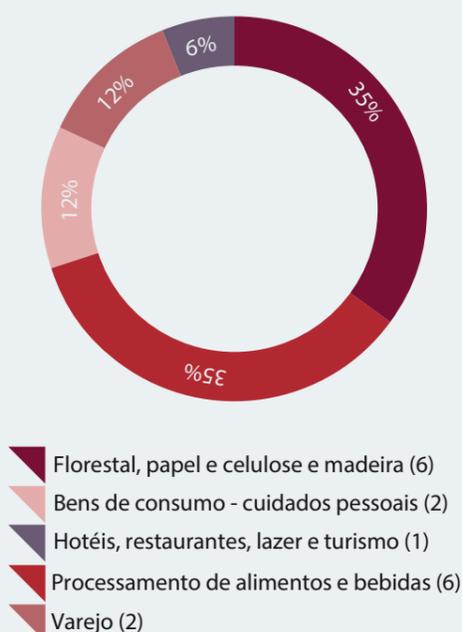
Compromissos públicos

A mudança climática traz riscos financeiros significativos de longo prazo para empresas e seus investidores. Endereçar o desmatamento e a degradação florestal, que contribuem com 15% a 20% das emissões globais de GEE, é um fator crítico para lidar com a mudança do clima.

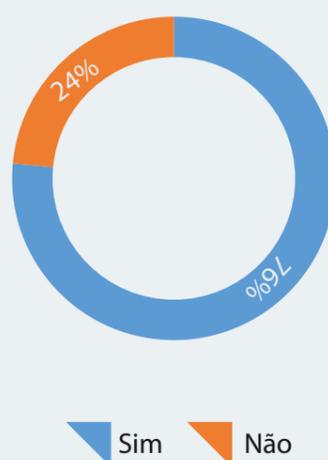
O programa de Floresta do CDP trabalha para melhorar a compreensão e eliminar o desmatamento impulsionado pela produção de commodities usadas na cadeia de valor de empresas. A demanda global por commodities agrícolas é o principal motor do desmatamento, à medida que a mudança do uso da terra é feita para produzir soja, óleo de palma, gado bovino, que junto com madeira e celulose, contribuem para o desmatamento e a degradação florestal. Essas commodities são a base de milhões de produtos comercializados globalmente. Estes, por sua vez, são geradores de riquezas nas cadeias de valor de inúmeras empresas em todos os setores.

Em 2016, 17 empresas na América Latina, de 48 convidadas, responderam ao questionário de Floresta. A commodity mais reportada foi madeira, seguida por gado e soja, ficando o óleo de palma com menor representatividade. Os principais setores que reportam são: bens de consumo, processamento de alimentos e bebidas, bem como florestal, papel & celulose e madeira. As empresas que relatam nesse programa estão localizadas em sua maioria no Brasil, mas também no México e Chile. Elas possuem compromissos públicos que englobam em sua maioria desmatamento líquido zero, respeito a espaços territoriais especialmente protegidos e gestão de áreas de alto valor para conservação, entre outros.

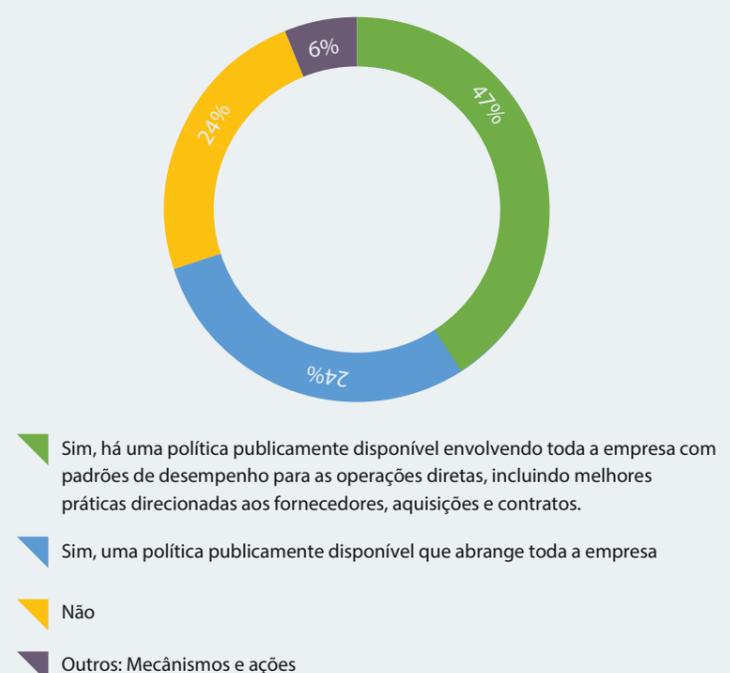
Amostra por setor na América Latina.
Número total de empresas em cada setor entre parênteses.



Empresas com compromissos para reduzir ou eliminar o desmatamento ou a degradação florestal nas operações diretas e/ ou da cadeia de valor



Empresas que possuem política que reconhece o papel da redução do desmatamento para a mitigação da mudança climática e estabelece metas claras e diretrizes para ação



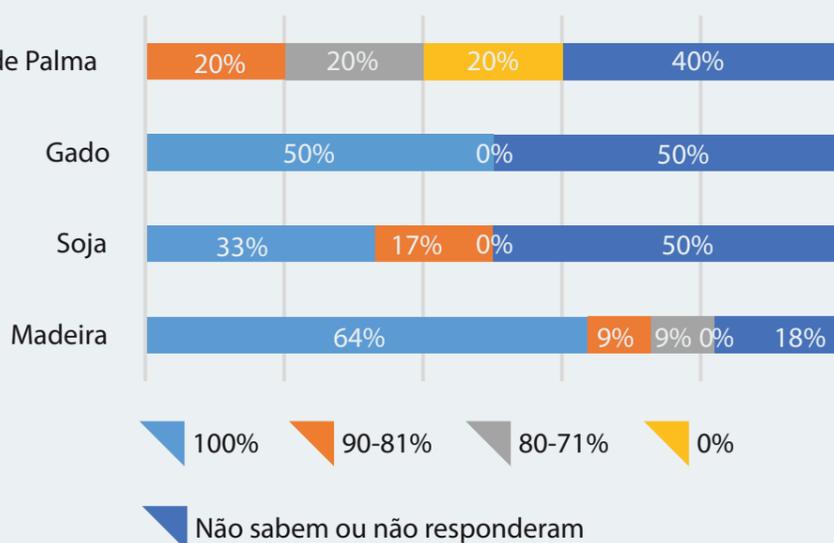
Gestão de cadeia de valor

Com a aceleração dos esforços internacionais para endereçar a mudança climática através do Acordo de Paris e dos objetivos do desenvolvimento sustentável da ONU, a luta contra o desmatamento e degradação florestal ganha cada vez mais força. A agricultura é um vetor direto de até 80% do desmatamento no mundo. Fornecedores e compradores das commodities de risco florestal estão sob crescente pressão para garantir que suas cadeias de valor não destruam as florestas.

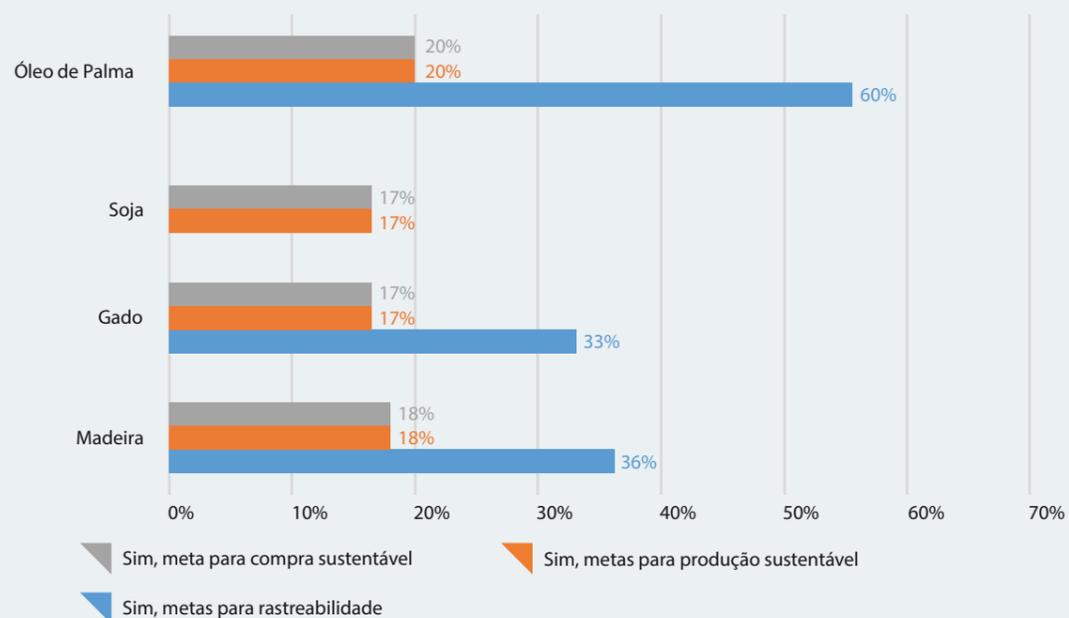
O estabelecimento de procedimentos internos de compras e produção sustentáveis associados a implementação de sistemas de rastreabilidade das commodities de risco florestal, *due diligences*, auditorias, definição de metas e trabalho em parceria com fornecedores são os fundamentos para alcançar o fornecimento sustentável no negócio.

Em relação a rastreabilidade/monitoramento, podemos ver que a maior parte das empresas que trabalham com Gado e Madeira possuem 100% dessas commodities rastreadas. Mesmo assim, é possível identificar que a rastreabilidade ainda é um desafio, já que a maior parte das empresas tem metas relacionadas com rastreabilidade. Por outro lado, grande parte das empresas não possuem metas para quantificadas para os materiais certificados por terceiros.

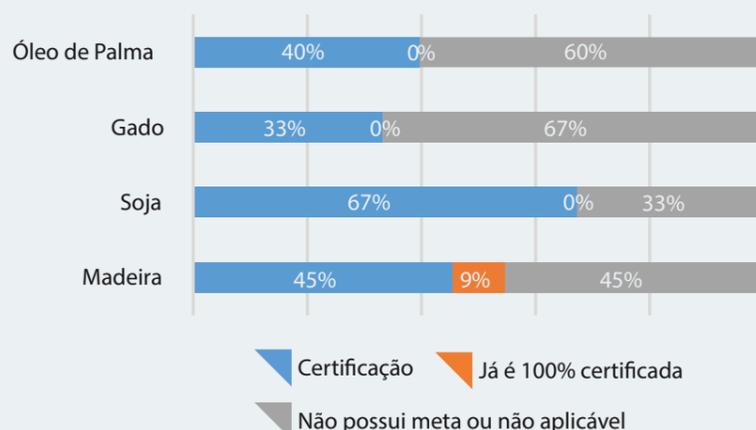
% de empresas com sistemas implementados de rastreabilidade e monitoramento da origem das matérias primas?



% de empresas com metas quantificadas para a produção sustentável e/ou contratos, que não seja a certificação de terceiros



Metas quantificadas para a certificação de terceiros na operações e/ ou cadeia de valor



Case



Rastreabilidade e colaboração para garantir fornecimento livre de desmatamento

Na JBS, a maior processadora global de proteína animal, estratégias e ações de sustentabilidade – aplicadas em várias etapas da cadeia de valor - visam contribuir para o desenvolvimento de produtos e serviços de qualidade, além de criar valor aos públicos de relacionamento, tanto pela redução de impactos ambientais, como pela promoção do desenvolvimento local. A companhia possui uma Política de Compra Responsável de matéria-prima que estabelece critérios socioambientais para seleção de fornecedores. A JBS não adquire animais de fazendas envolvidas com desmatamento de florestas nativas, invasão de terras indígenas ou áreas de conservação ambiental, ou que foram embargadas pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA). Também não trabalha com fornecedores envolvidos com violência rural ou conflitos de terra, ou que utilizam trabalho escravo ou infantil.

Para garantir que toda matéria-prima é originada de forma responsável, a empresa desenvolveu um sistema para monitorar e verificar as condições das propriedades de todos os seus fornecedores. O sistema usa imagens de satélite, dados georreferenciados das fazendas e informações de órgãos governamentais para a análise diária de mais de 70 mil fornecedores de gado no Brasil. O sistema de monitoramento socioambiental abrange hoje, através de análise de imagens de satélite das propriedades, cerca de 59 milhões de hectares (590.000 km²) na região amazônica, localizados em 437 municípios.

As operações de compra de gado e todo o sistema de monitoramento de fornecedores são auditados anualmente e de forma independente. Os resultados das auditorias são publicados no site da JBS. As auditorias independentes revelam que, em 2013, 2014 e 2015, mais de 99% das compras de gado realizadas pela JBS de fazendas localizadas na região amazônica cumprem com os critérios socioambientais da companhia e também com o chamado "Compromisso Público da Pecuária", liderado pela ONG Greenpeace.

Márcio Nappo
Diretor de Sustentabilidade
JBS



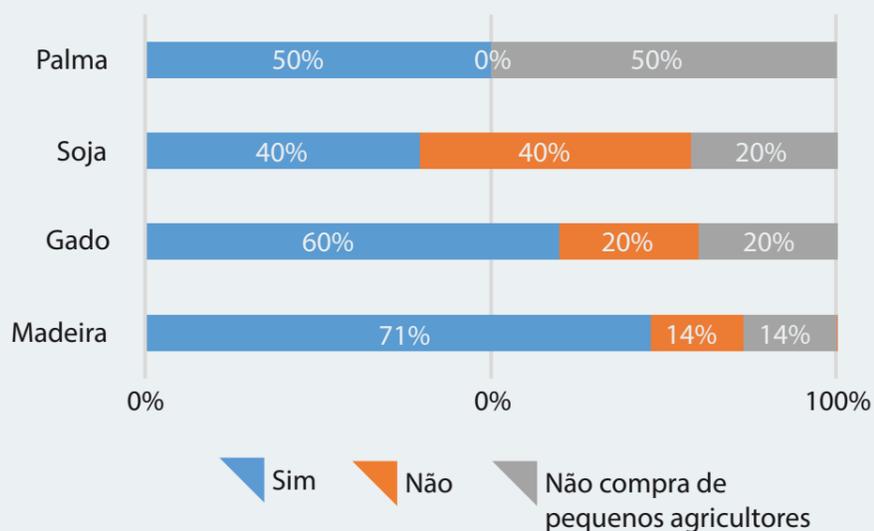
Gestão de cadeia de valor

O primeiro passo para desenvolver um plano de compras sustentáveis de commodities é desdobrar os compromissos em processos de aquisição. Uma grande proporção das empresas que reportam ao CDP dizem ter padrões de suprimento para o fornecimento de commodities de risco florestal.

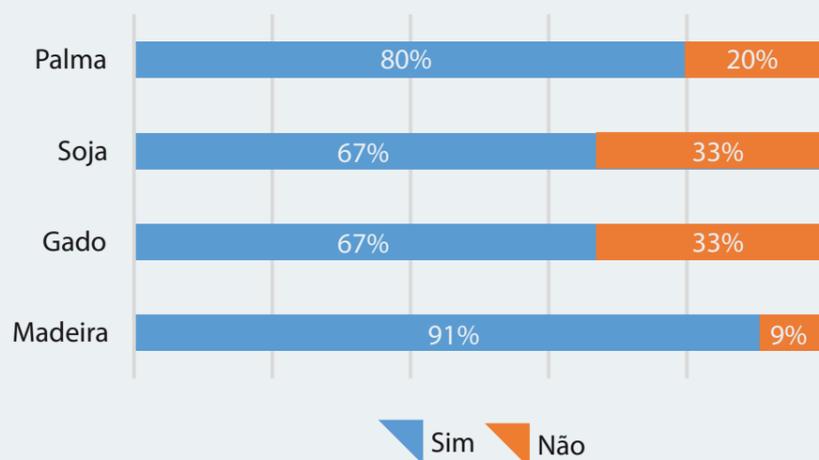
A capacitação e apoio a pequenos agricultores e outros fornecedores diretos é também uma iniciativa importante. Muitas empresas mantêm programas de engajamento piloto com esses públicos. As abordagens mais comuns incluem certificação, desenvolvimento de planos de manejo sustentável e apoio técnico.

O próximo passo é dar escala a essas iniciativas de forma que elas alcancem a cadeia como um todo. A identificação de fontes suficientes de materiais sustentáveis para atender às suas necessidades operacionais presentes e futuras é chave para conter o desmatamento e a degradação florestal.

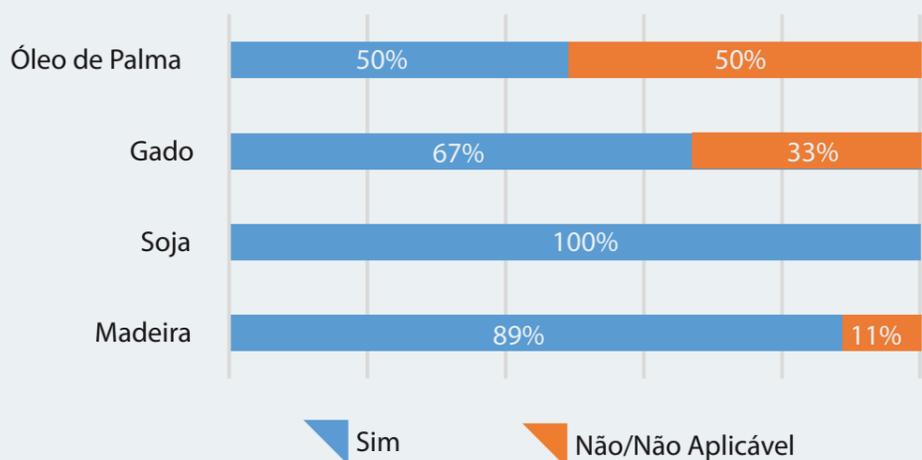
% de produtores, processadores e traders que trabalham com pequenos agricultores para encorajar e apoiar práticas de gestão florestal sustentável



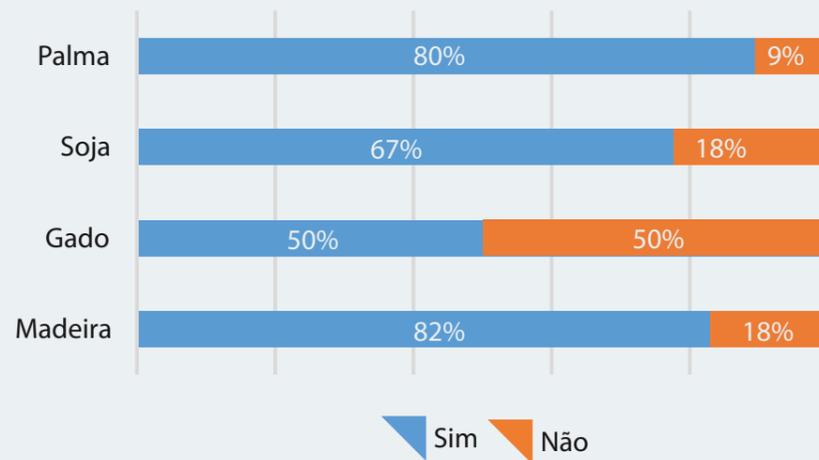
Empresas que identificaram fontes suficientes de materiais sustentáveis para atender às suas necessidades operacionais presentes



% de fabricantes e/ou varejistas que estão trabalhando com seus fornecedores diretos para oferecer apoio e para que eles melhorem a capacidade de fornecer materiais sustentáveis



Empresas que identificaram fontes suficientes de materiais sustentáveis para atender às suas necessidades operacionais futuras



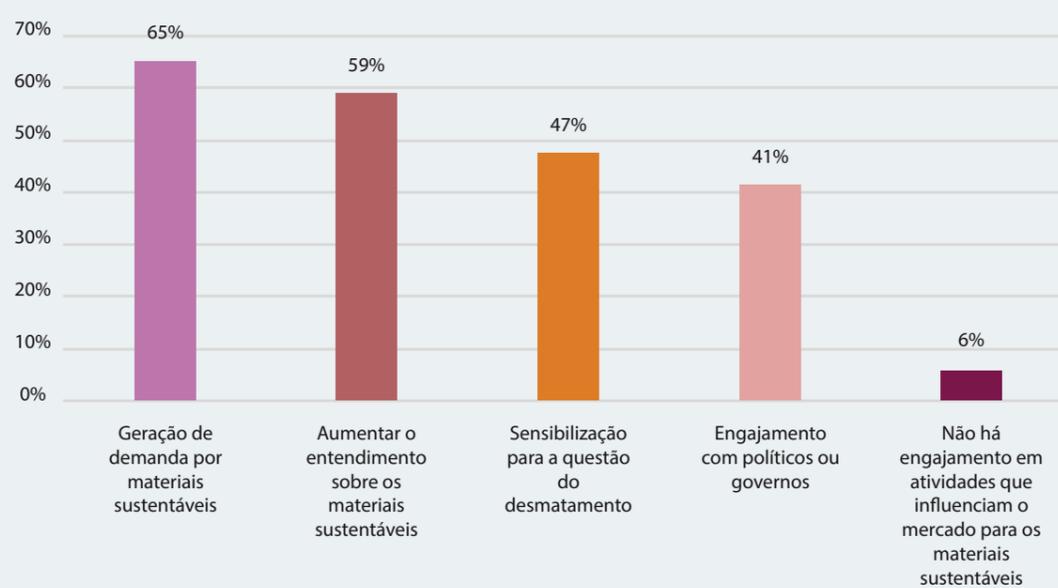
Aspectos de mercado

A participação das empresas em diversas iniciativas voluntárias e compulsórias que contam com a participação de governos e terceiro setor se destacam para as quatro commodities. Essa mobilização tem como principal resultado o aumento de oportunidade em direção a práticas sustentáveis no campo.

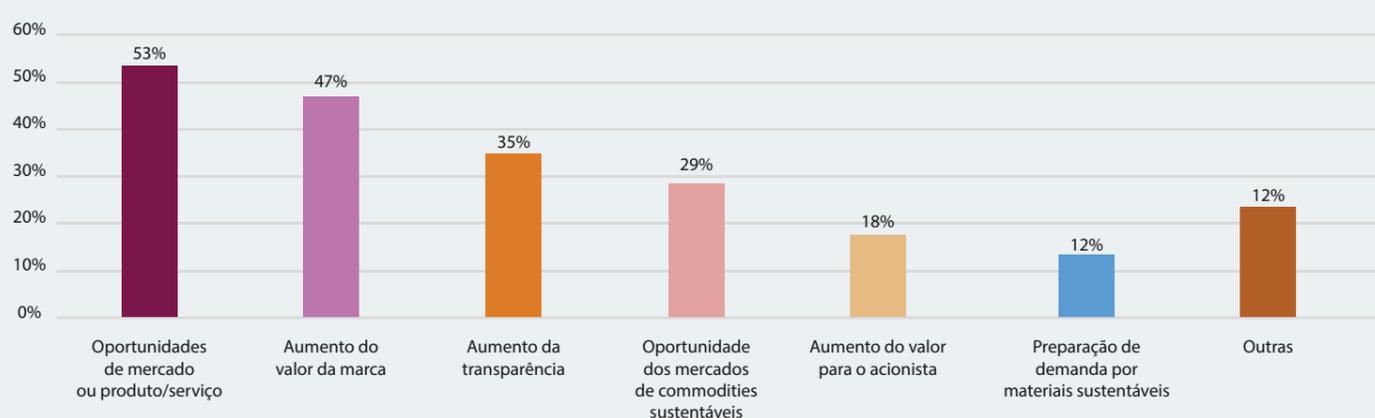
As atividades de engajamento em que as empresas se envolvem buscam, principalmente, influenciar a geração de demanda por materiais sustentáveis e a sensibilização para a questão do desmatamento.

Como resultado disso, as empresas identificam que o uso/compra commodities sustentáveis estão associados a novas oportunidades de mercado, aumento do valor da marca e transparência

% de empresas que participam em atividades de engajamento que podem influenciar direta ou indiretamente o mercado para produtos de risco florestal sustentáveis



% de empresas que identificam oportunidades em produzir, comercializar ou fornecer as commodities de forma sustentável*



*Somente duas empresas não identificaram nenhuma oportunidade

Pontuação das empresas participantes do Programa Floresta

Brasil

Nome da empresa	2016 score madeira	2016 score óleo palma	2016 score gado	2016 score soja
FIBRIA Celulose S.A.	A-			
JBS S.A.	A-		A-	A-
Klabin S.A.	A-			
Marfrig Global Foods S.A.	B	D	A-	B
Minerva Foods			B	
Natura Cosméticos S.A.	B	B		
Raia Drogasil S.A.		D		
SLC Agrícola S.A.				C

América Latina

Nome da empresa	País	Score	Nível
Kimberly-Clark de México S.A.B. de C.V.	México	A-	Leadership

Score	Nível
A e A-	Liderança (Leadership)
B e B-	Gestão (management)
C e C-	Consciência (Awareness)
D e D-	Divulgação (Discloucure)

Empresas com respostas e score não públicos

Nome da empresa	País
Grupo André Maggi	Brasil
Lojas Renner S.A.	Brasil
Alsea of Mexico	México
Grupo Bimbo, S.A.B. de C.V.	México
Grupo Lala	México

Empresas não respondentes do Programa Floresta

América Latina

Nome da empresa	País	2016 Score
Adecoagro Sa	Argentina	F
Alfa SAB de CV	Mexico	F
Arcor	Argentina	F
BRF S.A	Brasil	F
Caramuru Alimentos SA	Brasil	F
Celulosa Arauco y Constitucion SA	Chile	F
Cencosud SA	Chile	F
Cia. Brasileira de Distribuicao (CBD) Grupo Pao de Acucar	Brasil	F
Cikel	Brasil	F
COAMO Agroindustrial Cooperativa	Brasil	F
Colbun SA	Chile	F
Controladora Comercial Mexicana	Mexico	F
Cresud SACIF y A	Argentina	F
Curtume Víposa SA	Brasil	F
El Puerto de Liverpool SAB de CV	Mexico	F
El Tejar SA	Brasil	F
Gafisa S.A.	Brasil	F
Granol	Brasil	F
Gruma SAB	Mexico	F
Grupo Boticário	Brasil	F
Grupo Carso S.A.	Mexico	F
Grupo Jari	Brasil	F
Grupo JD	Brasil	F
Grupo Los Grobo LLC	Argentina	F
Hypermarcas S/A	Brasil	F
Lojas Americanas S/A	Brasil	F
MRV Engenharia e Participações	Brasil	F
Promotora y Operadora de Infraestructura SAB de CV	Mexico	F
S.A.C.I. Falabella	Chile	F
Suzano Papel & Celulose	Brasil	F
Wal Mart de Mexico	Mexico	F

F: Não forneceu informações suficientes ao GDP para ser avaliada no quesito florestas*

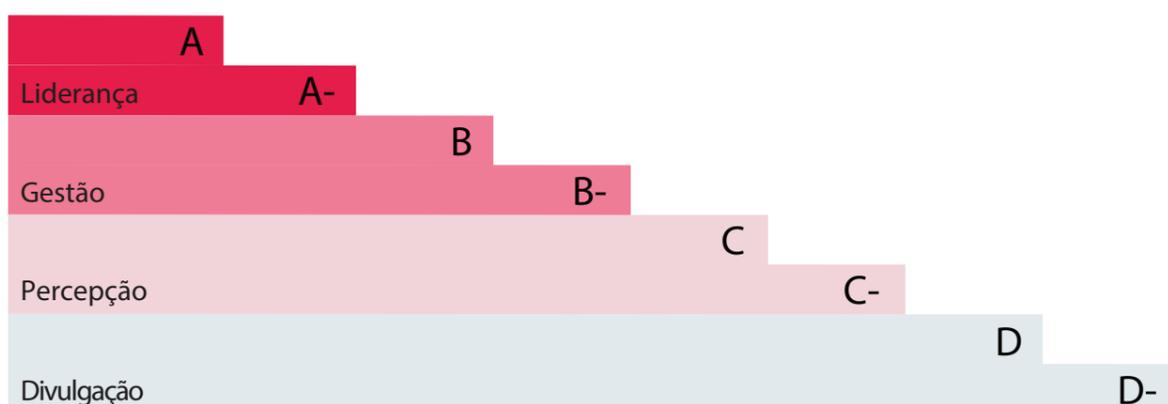
* Nem todas as empresas costumam responder ao pedido de informações enviado pelo CDP. As empresas que são convidadas a divulgar seus dados e não conseguem fazê-lo, ou não fornecem informações suficientes recebem uma nota F. Isso significa que a empresa não apresentou informações ambientais ao CDP, portanto não foi possível avaliá-la, e não que a empresa não presta nenhum tipo de informação ambiental de forma pública.

Comunicação de progresso

Comunicar o progresso das empresas em questões ambientais e destacar os riscos não gerenciados são pontos cruciais da missão do CDP. Para que essa missão possa ser cumprida de forma mais intuitiva, o CDP adotou, em 2016, uma abordagem simplificada para a apresentação das pontuações. Por meio de uma abordagem de 4 etapas, essa nova forma de apresentação da pontuação mede o progresso da empresa em direção à liderança: **Divulgação** mede a completude das respostas das empresas.

Conscientização (Percepção) considera até que ponto as empresas avaliaram as questões ambientais, riscos e os impactos em relação ao seu negócio.

Gestão mede quanto a empresa implementou ações, políticas e estratégias para resolver os problemas ambientais. **Liderança** busca os passos específicos que representam as melhores práticas no campo da gestão ambiental de uma empresa.



Leadership	75-100%	A
	0-74%	A-
Management	40-74%	B
	0-39%	B-
Awareness	40-74%	C
	0-39%	C-
Disclosure	40-74%	D
	0-39%	D-

F: Não forneceu informações suficientes para o CDP para que fosse avaliada*

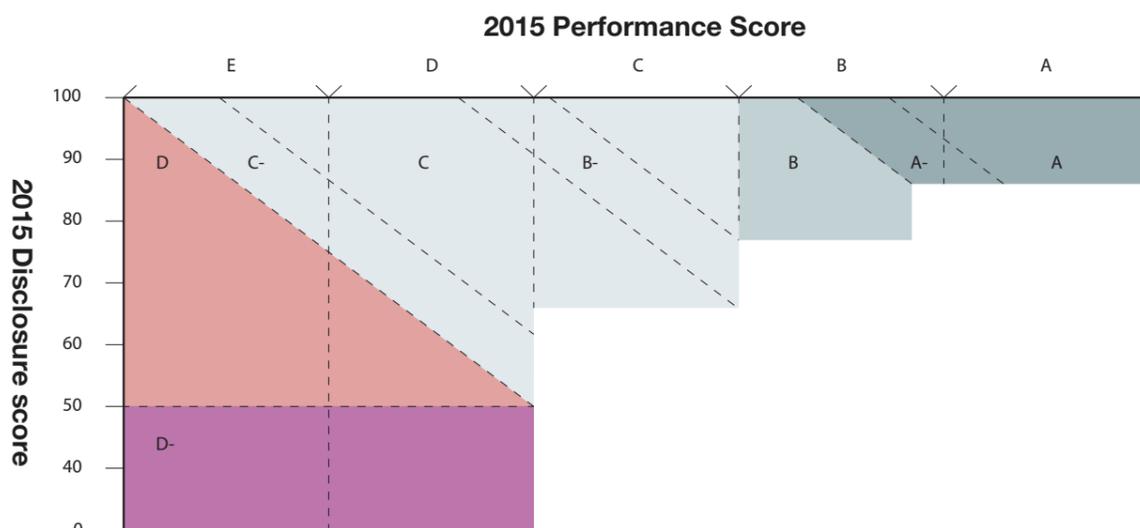
*Nem todas as empresas costumam responder ao ped

A metodologia de pontuação delinea claramente quantos pontos cada questão recebe e no final do processo de pontuação, o número de pontos recebidos pela empresa em cada nível é dividido pelo número máximo que ela poderia ter recebido. Em seguida, a fração é convertida em uma porcentagem, multiplicando-a por 100 e, por fim, arredondada para o número inteiro mais próximo. A pontuação mínima de 75% e/ou a presença de um número mínimo de indicadores em um nível serão necessários a fim de serem avaliados no próximo nível. Quando a pontuação mínima não é atingida, a empresa não recebe pontos no nível seguinte.

A nota final (A - F) é dada com base na pontuação obtida no nível mais alto alcançado. Por exemplo, se a empresa XYZ alcançou 88% no nível de Divulgação, 76% em Percepção e 65% em Gestão, ela receberá nota B. Se uma empresa obteve menos de 40% no nível mais alto alcançado, a sua nota será uma letra (A-F) seguida de um sinal de menos.

Por exemplo, a empresa 123 alcançou 76% no nível de Divulgação e 38% no nível de Percepção, resultando em uma nota C-. Para que uma empresa consiga receber uma nota A e possa fazer parte da "A List", que representa as empresas de maior pontuação, ela deve alcançar mais de 75% na etapa "Liderança". Além disso, para fazer parte da "A List", a empresa não pode relatar quaisquer exclusões significativas de suas emissões e ter verificado pelo menos 70% de suas emissões do Escopo 1 e Escopo 2 por um verificador independente, usando um dos padrões de verificação aceitos conforme descrito na metodologia de pontuação.

As pontuações públicas estão disponíveis nos relatórios do CDP, nos terminais da Bloomberg, Google Finance e no site da Deutsche Boerse. O CDP opera por meio de uma política de conflito de interesses estrita no que diz respeito à pontuação; veja em: <https://www.cdp.net/Documents/Guidance/2016/CDP-2016-Conflict-of-Interest-Policy.pdf>



Comparação de resultados de anos anteriores.

É importante notar que a abordagem de pontuação de 2016 é fundamentalmente diferente da utilizada em 2015 e, por isso, requisita informações diferentes. Assim, é impossível mantermos uma relação perfeita entre as pontuações de anos diferentes. A pontuação final de 2016 terá como base as respostas de 2016 e a metodologia de pontuação de 2016. No entanto, nós desenvolvemos uma representação visual que oferece algumas indicações sobre como as pontuações de 2015 podem ser traduzidas para as de 2016. Para usar essa tabela, a empresa pode colocar sua pontuação na tabela para ver onde ela se encontra em relação aos níveis atuais de pontuação. Para obter instruções mais detalhadas, consulte nosso seminário eletrônico: <https://vimeo.com/162087170>.

We mean Business - Commit to Action

As empresas estão realizando ações diretas e ambiciosas em relação às mudanças climáticas. Mais de 465 empresas comprometeram-se com a ação climática por meio da plataforma de compromissos "Commit to Action" da We Mean Business, um aumento de **10 vezes em dois anos**.

Em 2016, o avanço se manteve forte, sugerindo uma resposta positiva à Convenção de Paris e ao seu comprometimento universal a uma economia de baixo carbono.

As empresas têm adotado **metas mais agressivas** - em relação às reduções das emissões, energia renovável, desmatamento, água e produtividade de energia — e medidas de **melhoria operacional ou de governança do risco climático** por meio da precificação do carbono, mecanismos de participação política mais responsáveis e maior transparência na governança climática em seus principais relatórios.

As ações corporativas têm aumentado em todas estas questões. O crescimento mais forte ocorreu no número de empresas que estão se comprometendo com **metas de redução das emissões baseadas em princípios científicos**, que passou de 50 empresas no final 2015 para quase 190 hoje.

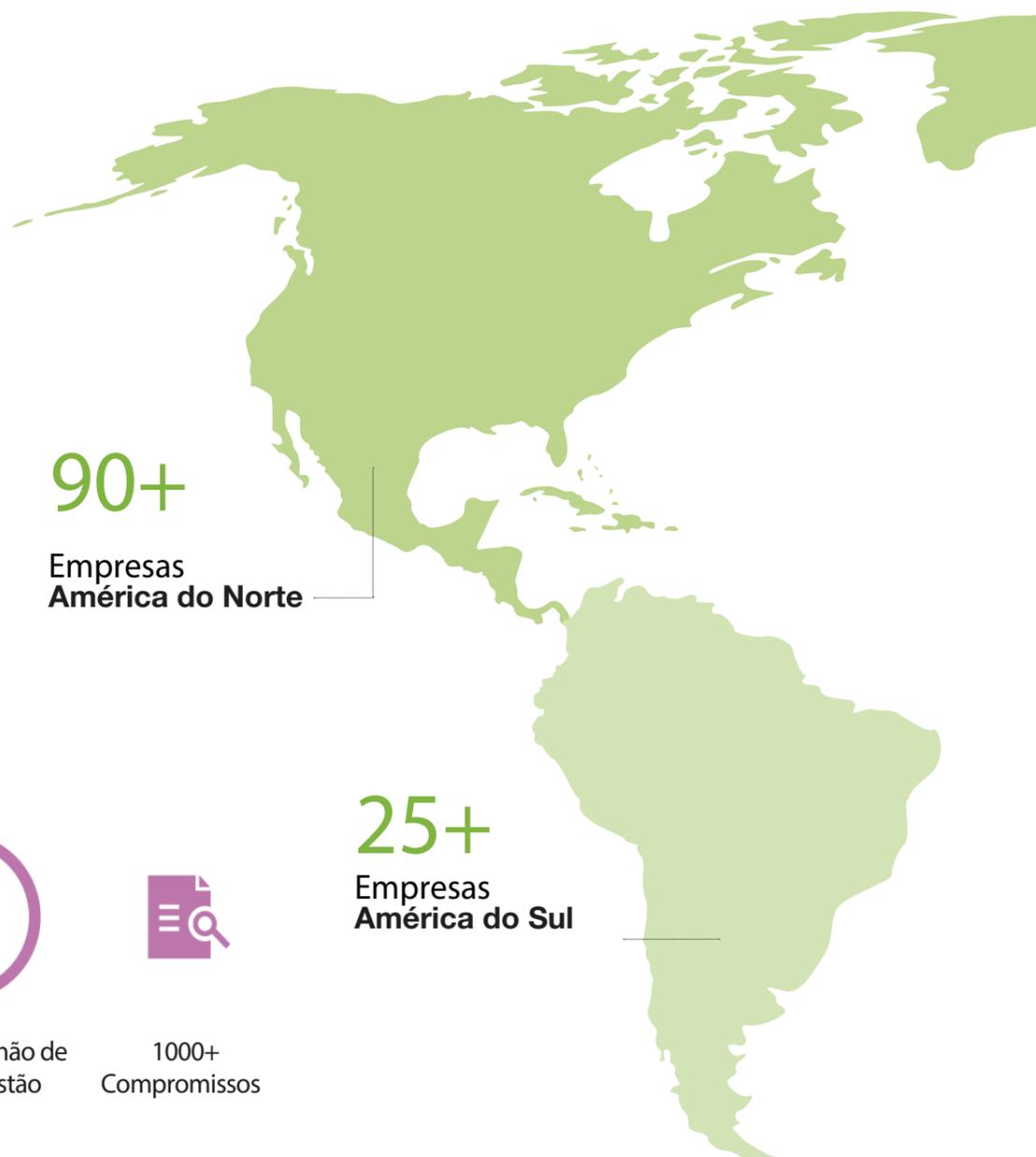
Empresas de 42 países iniciaram a tomada de ação

No início de 2015, apenas três empresas dos EUA tinham assumido algum compromisso por meio da plataforma. Até Paris, o número já tinha aumentado para mais de 50 empresas. Atualmente, as metas baseadas em princípios científicos têm se tornado a maior questão para as empresas dos EUA; 33 empresas estão comprometidas com elas. A ação climática continua popular dentre as empresas europeias; 237 estão comprometidas com a ação climática, em sua maior parte com a incorporação do clima e da definição de metas baseadas em princípios científicos nos relatórios principais.



O estabelecimento de metas baseadas em princípios científicos é a coisa certa a se fazer, mas também faz todo o sentido para os negócios. A definição de uma meta fundamentada em princípios científicos atendeu diretamente às necessidades de nossos clientes, os quais estão pensando em suas próprias pegadas de carbono. Ela também é fundamental para os investidores que precisam saber o que pensamos sobre os riscos potenciais de curto, médio e longo prazo

Laurel Peacock, Gerente Sênior de Sustentabilidade NRG Energy



465+
Empresas



+\$10
Trilhões USD



183
Investidores



>US\$20.7 Trilhão de
Ativos sob gestão



1000+
Compromissos

WE MEAN BUSINESS

economic opportunity through bold climate action

Translating Paris into business strategy

Treze empresas com sede no **Brasil** comprometeram-se com a tomada de ação; dentre elas, a petroquímica Braskem (precificação do carbono) e a Natura (metas baseadas em princípios científicos, desmatamento, participação política e mudanças climáticas incorporadas aos relatórios financeiros). Na **Índia**, 17 empresas, incluindo a Tata & Sons e a Mahindra, assumiram compromissos audaciosos em relação à produtividade de energia e energias renováveis. Na **China**, importantes empresas pioneiras, como a empresa de industrializados Broad Group, fizeram uma série de compromissos, dentre os quais é importante frisar a definição de metas baseadas em princípios científicos.

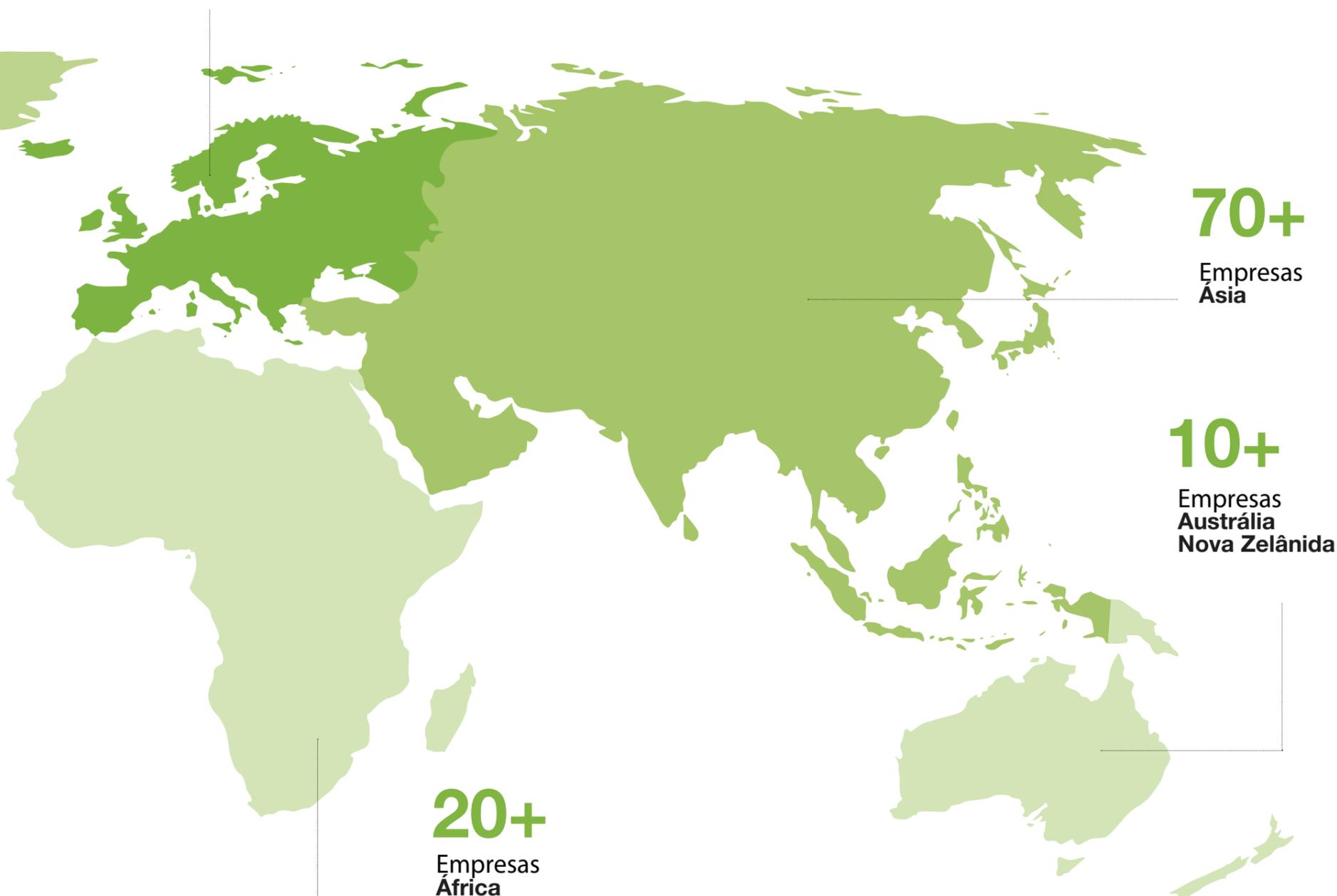
As tendências setoriais mostram que as empresas de todos os setores estão comprometendo-se com a tomada de ação. Em 2016, o crescimento mais forte foi registrado no **setor industrial**. Este setor é responsável por mais de 20% das ações corporativas por meio da plataforma We Mean Business, bem como por mais de 100 milhões de toneladas métricas de CO₂e.

As empresas de bens de luxo e de **bens de consumo** essenciais também representam 20% das empresas comprometidas, tendo grandes marcas como líderes, por exemplo, o Walmart, a Coca-Cola Company e a Honda Motor Company. A participação do **setor de TI** teve uma aceleração após Paris; empresas como a Apple e o Facebook comprometeram-se a utilizar 100% de energias renováveis.

Ao agir previamente e de forma decidida, essas empresas estarão mais preparadas para gerenciar o risco climático, obter vantagens competitivas sobre seus pares e colher os benefícios reputacionais que a liderança precoce oferece.

235+

Empresas
Europa



Perspectiva do Investidor



Odd Arild,
Storebrand CEO

O cenário de investimento está mudando rapidamente: o Acordo de Paris define uma direção clara dos tomadores de decisão global sobre mudanças climáticas. Como exemplo, o Artigo 173 Frances e a Task Force on Climate-related Disclosure estão direcionando a uma maior divulgação e prestação de contas para os investidores. A luz desse cenário, perguntamos a CEOs de três instituições financeiras líderes como estão respondendo a essas tendências e onde eles veem os maiores desafios para os próximos anos.



Philippe Desfosses,
ERAFP CEO

1. **Quais são suas prioridades como investidores para ajudar a cumprir os objetivos do acordo de Paris? E como vocês irão se ajustar à ambição normativa de nos mantermos em menos de 2°C**

Odd Arild: Temos a ambição de nos tornarmos a empresa líder no que diz respeito a investimentos sustentáveis. Na Storebrand, a sustentabilidade não é um nicho, ela está inserida em nossos principais produtos e serviços. Isso significa que temos literalmente 570 bilhões de coroas norueguesas (NOK) em programas de redução de carbono. Atualmente, estamos definindo uma meta climática geral para o grupo que nos ajudará a navegar por uma ambição normativa de limitar o aumento da temperatura a 2°C.

Temos três prioridades. A primeira relaciona-se à mensuração, comunicação e redução de nossa pegada de carbono por meio do Portfolio Decarbonization Coalition (PDC) e do Protocolo de Montreal. A segunda prioridade é trabalharmos com sustentabilidade e otimização do carbono em nossos principais portfólios para fundos de pensões. Também trabalhamos com inovações financeiras – criamos um dos primeiros index-need funds do mundo que são sustentáveis e livres de fósseis. Nossa terceira prioridade é sermos capazes de relatar externamente em nossas comunicações ao mercado nosso progresso rumo a um mundo de 2°C.

Philippe Desfosses: Desde a sua criação e como parte de seu dever fiduciário com os contribuintes e beneficiários do Fundo, o ERAFP (Établissement de retraite additionnelle de la fonction publique, Órgão administrativo francês do Fundo de Pensão Adicional da Função Pública) tem trabalhado para definir o impacto de seus investimentos na economia, na sociedade e no meio ambiente. Nos próximos anos, contaremos não apenas com o desenvolvimento de ferramentas apropriadas para gerenciar os desafios climáticos, mas também com nossa experiência acumulada, particularmente na área de descarbonização, em iniciativas como o gerenciamento de um conjunto de ações de baixo carbono entregues para a Amundi ou a plataforma virtual, construída em conjunto com a amLeague e a Cedrus AM, que pode ser utilizada pelos gerentes para mostrar a possibilidade de redução da intensidade de carbono de uma carteira de ações internacionais. De acordo com sua estratégia de investimento socialmente responsável, o ERAFP continuará a fazer grandes contribuições em colaboração com os vários outros stakeholders para acelerar o financiamento da transição energética e ir além dos objetivos fixados pelo Tratado de Paris.

Peter Harrison: Os impactos físicos e as respostas sociais e políticas à mudança climática irão definir os temas relacionados aos investimentos dos próximos anos e décadas. Estamos focando na construção de nosso entendimento sobre as implicações disso para as economias, indústrias e empresas; também estamos desenvolvendo ferramentas para oferecer apoio a melhores decisões de investimento e estamos nos engajando com as empresas para promovermos respostas mais transparentes e com foco no futuro

2. **Como investidor quais são suas principais motivações para incorporar os riscos e as oportunidades das mudanças climáticas na tomada de decisão de investimento? E quais são as principais barreiras?**

OA: As principais motivações são os riscos e as oportunidades enfrentados pelas empresas nas quais investimos. Acreditamos que a ênfase em investimentos sustentáveis, isto é, passarmos de uma postura reativa para uma posição protagonista criará maiores retornos em nossas carteiras. Temos também a missão de influenciar e apoiar todo o nosso setor para profissionalizar o risco climático por meio de nossos diferentes produtos, serviços e compromissos externos, como o PDC. A principal barreira é o acesso aos dados em duas áreas: a baixa qualidade e disponibilidade de dados e a falta de regulamentação que exija transparência e relato de informação sobre o risco climático.

PD: Em troca das contribuições que recebe de seus beneficiários, o Fundo compromete-se a pagar os benefícios previdenciários. Por essa promessa, os jovens irão beneficiar-se após um longo período de tempo. Por nada além do cumprimento de nosso dever fiduciário, sujeitamos nossas energias e iniciativas relacionadas ao clima para alinharmos nossas carteiras de investimento aos objetivos internacionais de contenção do aquecimento global.

Há um forte entrave na pesquisa e esta precisa ser incentivada a fim de desenvolver indicadores robustos. Isso proporcionaria ao emissor uma visão global dos impactos ambientais das empresas, especialmente sobre as emissões diretas e indiretas. A maioria das metodologias disponíveis apenas cobre parte das emissões do Escopo 3. Desse modo as emissões globais de alguns setores - na indústria automotiva ou no setor financeiro, por exemplo - tendem a ser subestimadas

PH: Atingir os compromissos feitos por nossos líderes globais em Paris levarão a mudanças em uma escala muito maior do que aquelas a que os mercados financeiros parecem estar se preparando; essas mudanças se espalharão para além dos setores mais óbvios ou das classes de ativos segmentados. Precisamos pensar de forma inovadora para entendermos qual será o tamanho dos impactos e até onde eles chegarão. Precisamos aceitar que a perfeita clareza sobre políticas é algo que parece improvável e devemos nos concentrar no que podemos fazer: melhores ideias, melhores modelos, melhores dados e uma visão mais clara sobre como adaptar as carteiras que gerenciamos.

3. **Na visão de investidor de ativos, como vocês equilibram as necessidades do presente em relação às necessidades de fornecer estratégias de investimento/negócios que, no longo prazo, evitem os níveis perigosos das mudanças climáticas e os impactos associados a eles?**



OA: Somos uma empresa de previdência, então investimos para clientes que ficarão conosco por até 50 anos. Nossa missão é criar a melhor aposentadoria possível para nossos clientes, tanto em termos de retorno financeiro, mas também para oferecer apoio à saúde da sociedade onde nossos clientes viverão durante a aposentadoria.

PD: Como gestor da previdência complementar dos serviços públicos da França, as responsabilidades do ERAFP com seus contribuintes e beneficiários possuem prazos extremamente longos. Motivado por seu dever fiduciário, o ERAFP prioriza os investimentos de longo prazo e visa aumentar a percepção sobre a importância de alterar as estruturas econômicas no sentido da descarbonização.

PH: Na Schroders, temos uma longa tradição de análises fundamentais de longo prazo. Tal experiência nos convence que levar em conta as tendências estruturais - as mudanças climáticas, por exemplo - não significa que comprometeremos os desempenhos com prazos mais curtos. Na verdade, não conseguiremos ajudar nossos clientes a atingir seus objetivos - que são tipicamente muito mais longos que os ciclos de investimento - a menos que estabeleçamos uma visão de longo prazo sobre as tendências estruturais críticas, como, por exemplo, a mudança climática.

4. **A divulgação ambiental é um campo em rápida evolução. Como o aperfeiçoamento dos dados, das divulgações e das pesquisas afetam a tomada de decisão do investidor?**

OA: O aperfeiçoamento dos dados está definitivamente melhorando nossas possibilidades de fazermos investimentos bem informados, otimizando os retornos e o risco climático. Apoiamos um projeto do governo Sueco para padronizar a divulgação da pegada de carbono dos fundos mútuos. Apoiamos também o desenvolvimento e a disponibilidade dos dados de outras áreas, tais como água ou instabilidade política, onde, de fato, nós desenvolvemos nosso próprio sistema para podermos prever a possibilidade de um golpe de estado em países diversos.

PD: Em 2015, com a ajuda dos serviços de uma organização especializada, o ERAFP estendeu seu perímetro e relatou a pegada de carbono de 87% de seus ativos totais. Além da sua pegada de carbono, o ERAFP fez também uma comparação do mix energético atribuível à carteira de ações do ERAFP e com uma repartição da geração de energia para os cenários de 2°C entre 2030 e 2050 da Agência Internacional de Energia. As ferramentas de divulgação ambiental em rápida evolução permitem que o ERAFP expanda e aprofunde suas análises a fim de desenvolver as estratégias mais eficientes de descarbonização.

PH: As boas decisões de investimento dependem de análise e a análise precisa de dados. Se por um lado a ciência climática está inundada de dados, a maior parte tem pouca utilidade para nos ajudar a escolher entre um investimento e outro. Dados rigorosos, relevantes e consistentes sobre empresas e ativos – assim como os dados recolhidos e organizados pelo CDP – são fundamentais para que deixemos de apenas quantificar o tamanho do problema e comecemos a tomar decisões sobre como navegar por eles.

5. **O que vocês gostariam de ver as empresas fazendo em relação à maior transparência sobre questões relevantes das mudanças climáticas?**

OA: Gostaríamos de ver um aumento das regulamentações em relação aos relatórios climáticos, bem como impostos mais elevados para com base nos maiores poluidores. Os custos reais das operações devem ser trazidos à tona para que nós, investidores, possamos adaptar melhor nossos investimentos com base neles.

PD: Como um membro do Grupo de Investidores Institucionais para a Mudança Climática (IIGCC, Institutional Investors Group on Climate Change), o ERAFP participa de iniciativas de engajamento com as autoridades reguladoras, mas também com as empresas dos setores mais expostos a fim de melhorar seus relatórios sobre o clima. O ERAFP também está envolvido na Iniciativa de Transparência das Indústrias Extrativistas (extractive industries transparency initiative, EITI). O ERAFP gostaria que as empresas, especialmente as mais expostas aos riscos da mudança climática, relatassem sobre resiliência estratégica e seus esforços para gerenciar os impactos ambientais.

PH: Nossa visão tem como objetivo o futuro. Assim, informações que forneçam uma maior introspecção sobre o planejamento futuro das empresas será vital: como as empresas avaliam as mudanças em suas indústrias, as pressuposições que fazem, as estratégias que utilizam e os produtos que desenvolvem. Ninguém tem todas as respostas e a discussão mais franca sobre como as empresas abordam o desafio é mais importante que esperar por respostas definitivas.

6. **Que papel o engajamento pode ter para instigar a mudança comportamental das empresas no contexto das mudanças climáticas e como vocês medem o sucesso desse engajamento?**

OA: O engajamento desempenha um papel importante como complemento para o desinvestimento e ênfase do portfólio. Focamos no engajamento nas áreas climáticas para atividades de grupo no PRI, muitas vezes iniciado pelo CDP. Desta forma, queremos aumentar a disponibilidade dos dados, que é a meta de nossos engajamentos. Assim, poderemos usá-los para tomarmos decisões sobre ênfase e desinvestimento.

PD: O ERAFP é proprietário de um ativo extremamente comprometido e, assim, dialogamos com as muitas empresas nas quais investimos. Em 2016, através de seus gestores de ativos, o ERAFP apoiou mais de 10 resoluções dos acionistas sobre mudanças climáticas. O ERAFP também está envolvido em iniciativas de engajamento através do grupo de Investidores Institucionais para a Mudança Climática (Institutional Investors Group on Climate Change, IIGCC), ShareAction/RE100, Carbon Disclosure Project, ou ao lado da Mirova nos temas ligados à exploração de petróleo. Ao obrigar que as empresas discutam e pensem em uma abordagem de longo prazo, o ERAFP está convencido de que a união dos proprietários de ativos, seguido por seus gestores, permitirá que as empresas mudem de forma mais acelerada, dentre as quais as mais avançadas já orientaram seu desenvolvimento em direção à transição energética.

PH: O engajamento é uma parte fundamental de nossas responsabilidades como investidores ativos e responsáveis. Falamos regularmente às equipas de gestão sobre o motivo por que achamos que a mudança climática é uma questão importante, bem como sobre nossas expectativas para a divulgação e a transparência. Esse trabalho está intrinsecamente ligado à forma que abordamos os investimentos. Os benefícios são evidenciados pelas decisões que tomamos e as mudanças que vemos nas empresas.

7. **Se, daqui a 3 anos, tivermos uma conversa semelhante, quais, segundo vocês, seriam alguns das principais capacidades para o sucesso de um investimento de ativos no gerenciamento dos riscos e oportunidades da mudança climática?**

OA: Integração. Integração de ferramentas e competência. A gestão do risco climático deve ser o núcleo da estratégia de investimento, cobrindo todos os ativos em todas as classes de ativos e não visto como uma atividade extraordinária de certos fundos SRI. O capital previdenciário total consiste em cerca de USD 40.000 bilhões - este é o dinheiro que precisamos para voltar ao trabalho se quisermos criar um futuro melhor e mais sustentável.

PD: Já que é impossível gerenciar aquilo que não se mede, o ERAFP acredita que um ponto crucial para o sucesso consiste em boas mensurações dos riscos de seus investimentos relacionados ao clima. O ERAFP está trabalhando nisso por meio do uso e do questionamento das metodologias atuais de pegada de carbono. Outras iniciativas utilizadas pelo ERAFP para gerenciar as oportunidades e os riscos das mudanças climáticas são o trabalho com seus gestores de ativos por meio de abordagens de descarbonização dos portfólios, a divulgação dos resultados de seus trabalhos sobre estas áreas e o engajamento com as empresas para a divulgação de carbono.

PH: Precisamos construir ferramentas melhores para mensurar, quantificar e analisar os riscos e as oportunidades das mudanças climáticas para empresas e portfólios. Caso não possamos fazer isso, teremos que nos esforçar muito para saber se estamos no caminho certo. Temos feito progresso em algumas áreas, as pegadas de carbono, por exemplo; mas isso ainda é apenas o início.

8. **Como vocês estão envolvidos com os objetivos da agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável?**

OA: A agenda define uma direção clara sobre qual deve ser o foco para chegarmos a um futuro mais sustentável. Atualmente, trabalhamos para integrar os objetivos em nossa estratégia e metas para que possamos garantir que a estratégia da empresa esteja em consonância com os objetivos mundiais. Ainda em 2016, começaremos, como um grupo, a apresentar relatórios sobre nossa contribuição para os objetivos da agenda.

PD: Desde seu início, em consonância com seu estatuto de investidor socialmente responsável, o ERAFP desenvolveu uma estratégia best in class. Essa abordagem tem tido resultados positivos, pois o portfólio do ERAFP está completamente mais eficiente em relação ao carbono do que seu valor de referência. Ao selecionar os atores mais sustentáveis, mas também sendo um investidor fortemente engajado em questões Ambiental, Social e de Governança (ASG), o ERAFP pretende contribuir para os objetivos da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável. Recentemente, a empresa assinou o Energy Efficiency Investor Statement (Declaração dos Investidores sobre Eficiência Energética) na COP 21 e a Global Investor Letter (Carta dos Investidores de 2016) do G20. Estes são exemplos dos seus esforços atuais para limitar as mudanças climáticas e promover um desenvolvimento sustentável.

PH: Os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável destacam as mudanças da conscientização social e política relativa aos desafios que se apresentam a muitos dos países e povos mais pobres do mundo. Este contexto de crescente conscientização e comprometimento terá implicações diretas para a forma como gerenciamos o dinheiro. Estamos trabalhando duro para construir um entendimento das potenciais mudanças em nossa tomada de decisão.

Perguntas personalizadas

A Storebrand está numa posição única para enfrentar o risco de reclamações relacionadas às mudanças climáticas, bem como os riscos de menores retornos de seus portfólios. Como suas atividades de investimento reduzem os riscos das reclamações indenizatórias resultantes das mudanças climáticas?

OA: As empresas com emissões significativas de GEE costumam fazer poucos investimentos financeiros. A fim de tornar mais fácil a identificação das empresas nas quais pretendemos investir, nós classificamos nossos possíveis investimentos em uma empresa de acordo com seu nível de sustentabilidade. Em nossa avaliação, o impacto ambiental é um fator decisivo, isso facilita a identificação das empresas nas quais não queremos investir. Também temos uma política de exclusão ligada ao impacto ambiental negativo; já excluimos, por exemplo, mais de 60 empresas com base em seus fracos relatórios climáticos. Também trabalhamos na área da inovação financeira e, recentemente, lançamos vários produtos. Eles são importantes não apenas para nossos clientes, mas também, por exemplo, para inspirar e mostrar para o nosso setor o que é realmente possível fazer. A Storebrand possui atualmente o maior fundo verde do mundo. Também lançamos uma série exclusiva de produtos: fundos mútuos de quase índice (near index equity mutual fund), livre de produtos fósseis e otimizado para um nível elevado de sustentabilidade das empresas restantes. Somos capazes de entregar um baixo tracking error em comparação aos índices "padrões", uma taxa baixa e um risco climático significativamente menor.

Na abordagem "Combate à mudança climática" do ERAFP dizemos que para atender as ambições do Estatuto do SRI (SRI Charter) para limitar os investidores de emissões de gases de efeito estufa devemos "oferecer evidências tangíveis do impacto de suas abordagens". Qual a sua opinião sobre o estado atual da capacidade do Gestor de Ativos para oferecer isso?

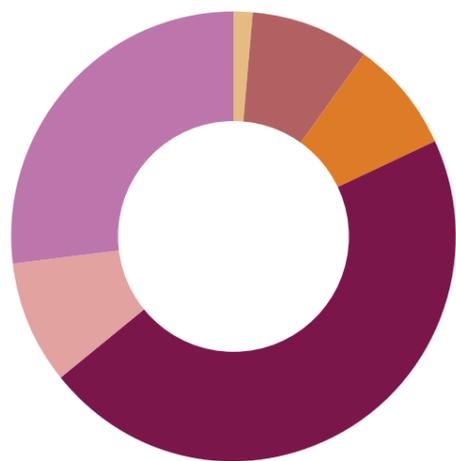
PD: O ERAFP discute com seus gestores para compreender a gestão dos portfólios de suas empresas e, após, a melhora. Neste ano, o ERAFP fez um acordo com a Cedrus AM e a AM League para estabelecer um quadro que possa ser utilizado por gestores para demonstrar seu know-how para a redução da intensidade de carbono, aplicando seus conhecimentos na gestão de uma carteira teórica de ações internacionais. Nos próximos meses, com a vantagem da experiência da Cedrus AM, o ERAFP estará trabalhando com as possíveis maneiras de estender a sua abordagem relacionada à gestão de "baixo carbono", seja através de investimentos em fundos abertos, seja um pedido para que os contratantes escolham um gestor de ativos para a criação de um fundo dedicado. Seu economista-chefe publicou recentemente os resultados de uma pesquisa de 18 economistas-chefes.

Os resultados foram muito desoladores em termos do nível de integração dos riscos da mudança climática em seus processos de previsão. Na sua opinião, que impactos essa falta de uma macroanálise terá sobre a integração eficaz dos riscos da mudança climática nos processos de investimento?

PH: Embora seja decepcionante que mais economistas do City não internalizem as tendências climáticas em suas previsões, isso não foi uma surpresa completa. O problema encontra-se tanto nas ferramentas e modelos, quanto na conscientização. A maior parte de nossa indústria conhece o tamanho do desafio e os impactos que ele causará, mas uma possível instabilidade não se encaixa facilmente nos modelos projetados em torno de tendências lineares. A menos que criemos novas e melhores formas de analisar as implicações financeiras das alterações climáticas, será muito difícil evitar as surpresas que nos aguardam.

Anexo I – Investidores membros e signatários

1. Investidores signatários por localização



- ▼ **Europe**
- 382 = 46%
- ▼ **North America**
- 223 = 27%
- ▼ **Latin America & Caribbean**
- 73 = 9%
- ▼ **Asia**
- 71 = 9%
- ▼ **Australia and NZ**
- 67 = 8%
- ▼ **Africa**
- 13 = 1%

O programa liderado por investidores do CDP – apoiado, em 2016, por 827 investidores institucionais signatários que representam mais de US\$ 100 trilhões em ativos – trabalha com investidores para entender suas necessidades de dados e análises, oferecendo ferramentas e soluções para ajudá-los.

A COP 21 proporcionou não só a oportunidade, mas a obrigação de irmos mais longe nos temas ligados à mudança climática. Com mais de 15 anos de experiência, o CDP, hoje, entende que, tanto a divulgação, quanto sua evolução mundial e em todos os setores pode oferecer aprendizados entre os pares. No ano passado, mais de 50 por cento das maiores empresas em capitalização de mercado do G20 prestaram informações ao CDP.

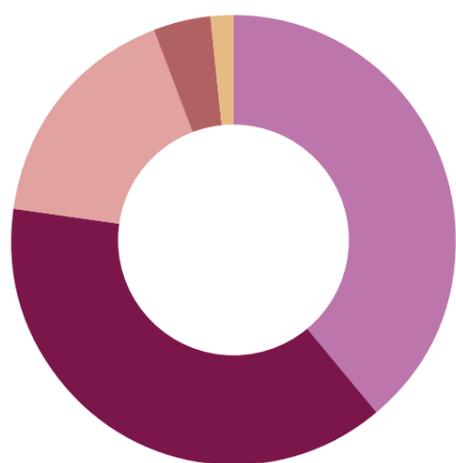
A tomada de decisão dos investidores tem sido estimulada por nossos dados globais de empresas e cidades que responderam aos questionários sobre alterações climáticas, stress hídrico e desmatamento, aliados à nossa série premiada de pesquisas dos investidores. Nossa análise permite que os investidores entendam os riscos de suas carteiras. Nossas ideias produzem engajamentos e agregam valor não só ao retorno financeiro, mas também através da construção de um futuro mais sustentável.

Para obter mais informações sobre o programa Investor do CDP, incluindo as vantagens de se tornar um signatário ou membro, bem como para ver a lista completa de signatários, por favor, visite: www.cdp.net/en/investor/signatories-and-members

Investidores membros

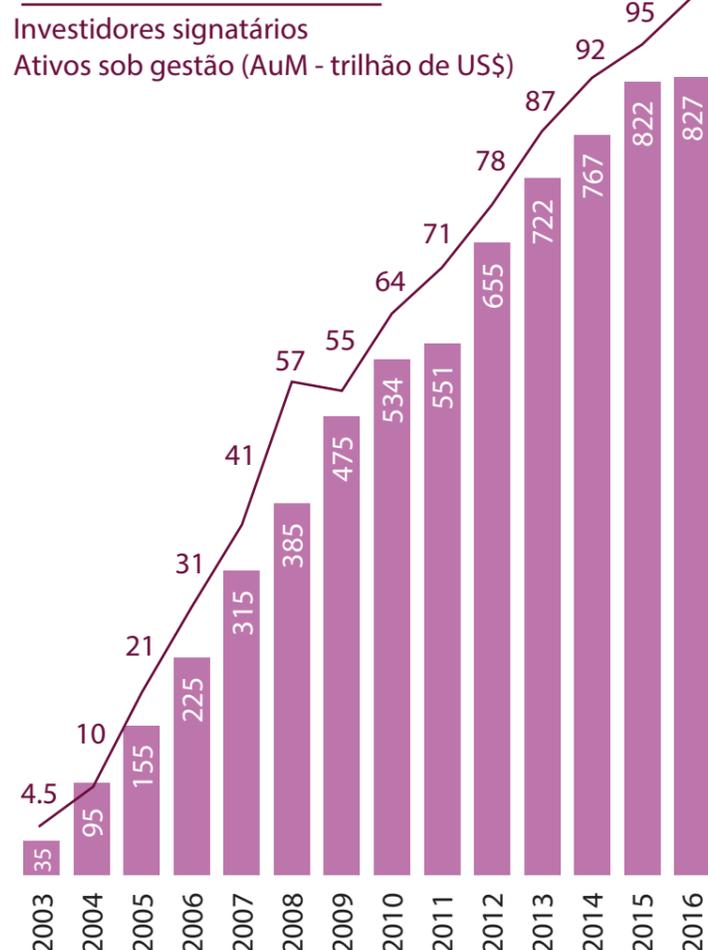
ACTIAM
AEGON N.V.
Allianz Global Investors
ATP Group
Aviva Investors
AXA Group
Bank of America Merrill Lynch
Bendigo and Adelaide Bank
BlackRock
Boston Common Asset Management, LLC
BP Investment Management Limited
British Columbia Investment Management Corporation
California Public Employees' Retirement System
California State Teachers' Retirement System
Calvert Investment Management, Inc
Capricorn Investment Group
Catholic Super
CCLA Investment Management Ltd
DEXUS Property Group
Etica SGR
Fachesf
FAPES
Fundação Itaú Unibanco
Generation Investment Management
Goldman Sachs Asset Management
Henderson Global Investors
Hermes Fund Managers
HSBC Holdings plc
Infraprev
KeyCorp
KLP
Legg Mason, Inc.
London Pensions Fund Authority
Maine Public Employees Retirement System
Morgan Stanley
National Australia Bank
NEI Investments
Neuberger Berman
New York State Common Retirement Fund
Nordea Investment Management
Norges Bank Investment Management
Overlook Investments Limited
PFA Pension
POSTALIS - Instituto de Seguridade Social dos Correios e Telégrafos
PREVI
Rathbone Greenbank Investments
Real Grandeza
Robeco
RobecoSAM AG
Rockefeller & Co.
Royal Bank of Canada
Sampension KP Livsforsikring A/S
Schroders
SEB AB
Sompo Japan Nipponkoa Holdings, Inc
Sustainable Insight Capital Management
TIAA
Terra Alpha Investments LLC
The Sustainability Group
The Wellcome Trust
UBS
University of California
University of Toronto
Whitley Asset Management

2. Investores signatários por tipo



- ▼ **Asset Managers**
- 363 = 40%
- ▼ **Asset Owners**
- 256 = 30%
- ▼ **Banks**
- 158 = 19%
- ▼ **Insurance**
- 39 = 5%
- ▼ **Others**
- 13 = 2%

3. Investidores signatários ao longo do tempo



Patrocinadores:



Parceiro de comunicação e design do relatório:



Scorer para a América Latina:



Scorer para o Brasil:

